

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

ELAINE AGUIAR FLORÊNCIO

**UM ESTUDO DOS PROCESSOS ENUNCIATIVOS DA VARIAÇÃO SEMÂNTICA
NO TEXTO-ALVO COM BASE EM TRADUÇÕES DO INGLÊS PARA O
PORTUGUÊS**

**Cáceres - MT
2016**

ELAINE AGUIAR FLORÊNCIO

**UM ESTUDO DOS PROCESSOS ENUNCIATIVOS DA VARIAÇÃO SEMÂNTICA
NO TEXTO-ALVO COM BASE EM TRADUÇÕES DO INGLÊS PARA O
PORTUGUÊS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do professor Dr. Albano Dalla Pria.

**Cáceres- MT
2016**

Florêncio, Elaine Aguiar

Um estudo dos processos enunciativos da variação semântica no texto-alvo com base em traduções do inglês para o português./Elaine Aguiar Florêncio. Cáceres/MT: UNEMAT, 2016.

101f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2016.

Orientador: Albano Dalla Pria

1. Teoria das operações predicativas e enunciativas. 2. Tradução – inglês X português. 3. Variação e operações enunciativas. 4. Variação semântica. I. Título.

CDU: 81'37

ELAINE AGUIAR FLORÊNCIO

**UM ESTUDO DOS PROCESSOS ENUNCIATIVOS DA VARIAÇÃO SEMÂNTICA
NO TEXTO-ALVO COM BASE EM TRADUÇÕES DO INGLÊS PARA O
PORTUGUÊS**

BANCA EXAMINADORA

Dr. (a). Albano Dalla Pria (Orientador – PPGL/UNEMAT)

Dr. (a). Marcos Luiz Cumpri (Membro Interno – PPGL/UNEMAT)

Dr. (a). Milenne Biasotto (Membro Externo – UFGD)

APROVADA EM: 19/10/2016

DEDICATÓRIA

Ao meu eterno namorado Athayde,
pelo carinho, pelo incentivo e pela paciência durante
esse dois anos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos sem fim e pela alegria de viver em tua presença.

Ao meu orientador, prof. Dr Albano Dalla Pria, que com muita paciência e atenção, dedicou todo o seu valioso tempo para me orientar em cada passo desta pesquisa.

Às minhas lindas filhas, especialmente, a Myrella Aguiar Florêncio Cavalcante, pelo seu carinho e paciência com a sua irmã mais nova, e a caçulinha da família, Maryanne Aguiar Florêncio Cavalcante, que nasceu junto com a minha pesquisa.

A toda a minha família, em especial, aos meus pais Celina Aguiar Florêncio e Eustacio Florêncio, por auxiliarem no cuidado das minhas filhas, pelas orações em meu favor, pela preocupação, pela cumplicidade nas horas que eu precisei me ausentar.

À Regiane Macedo, minha querida amiga, com quem compartilhei, nos últimos anos, minha experiência pessoal e profissional.

Aos meus amigos e colegas de curso, pela cumplicidade, ajuda e amizade.

Aos professores Dr Marcos Luiz Cumpri e a Dra. Milenne Biasotto, por participarem de minha banca examinadora.

À Universidade do Estado de Mato Grosso por proporcionar a oportunidade de realizar dois grandes sonhos: o primeiro de cursar o ensino superior e o segundo de cursar a Pós-graduação.

Ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística, pelo amadurecimento teórico.

À CAPES pelo apoio financeiro durante a graduação de 2011 a 2013 e na Pós-graduação de 2014 a 2016.

Obrigada a TODOS!

RESUMO

Propusemos a um conjunto de pessoas a tradução de enunciados da língua inglesa para a língua portuguesa. Observamos que os textos-alvo exibiram marcas de ancoragem situacional que não constavam do texto-fonte. Como ponto de partida para compreender esse fenômeno, assumimos a hipótese de Pria (2014) de que a variação observada na superfície dos textos-alvo, antes de poder ser avaliada em termos da eficácia do trabalho do tradutor, deve ser considerada na sua articulação com as situações de enunciação também variáveis que cada tradutor levou em conta para passar do texto-origem para o texto-alvo. Definimos o objetivo de estudar os princípios que regulam a variação nos textos-alvo. Encontramos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b) os subsídios teóricos e metodológicos necessários à análise daqueles fenômenos. O resultado da pesquisa foi a construção metalinguística dos processos que estão subjacentes à variação de superfície dos textos-alvo.

Palavras-chave: Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, Tradução, Inglês, Português, Variação e Operações Enunciativas.

ABSTRACT

We proposed some people to translate some utterances from English to Portuguese. We observed target-texts exhibited marks of situational anchorage strange to source-texts. Aiming to understand this phenomenon we assumed Pria's (2014) hypothesis on the surface variation of target-texts. He argues before to be valued in terms of efficacy of translator's work, target-texts should be considered in articulation with the uttering situation also variable each translator considered in the passage from the source-text to the target-text. We defined the objective of studying principles that rules the variation we observed in target-texts. We found in Theory of Predicative and Enunciative Operations (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b) theoretical and methodological aids to analyze that phenomenon. The processes that regulate variation observed on target-texts were represented in a system of metalinguistic representation as the result of this work.

Keywords: Theory of Enunciative and Predicative Operations, Translation, English, Portuguese, Variation and Enunciative Operations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS	17
1.1. Linguagem e Línguas	18
1.2. A produção e o reconhecimento	19
1.3. A atividade de linguagem	20
1.3.1. A atividade de representação	20
1.3.2. A atividade de referenciação	21
1.3.3. A atividade de regulação	22
1.4. O enunciado.....	23
1.5. Os processos constitutivos de um enunciado	23
1.5.1. A léxis.....	24
1.5.1.1. A relação primitiva	24
1.5.1.2. A relação predicativa.....	24
1.5.1.3. A relação enunciativa	25
1.6. O estado zero de categorização	26
1.7. As operações da linguagem	27
1.7.1. A determinação: as operações de quantificação e qualificação.....	27
1.7.1.1. A operação de extração.....	28
1.7.1.2. A operação de flechagem	28
1.7.1.3. A operação de varredura.....	29
1.7.2. A modalidade.....	29
1.7.3. O aspecto	30
1.8. A noção e o domínio nocional.....	30
1.8.1. A noção.....	31
1.8.2. A ocorrência	32
1.8.3. O centro organizador da noção	33
1.8.3.1. O tipo	33
1.8.3.2. O atrator.....	34
1.8.3.3. O discreto, o compacto e o denso	34
1.8.3.4. A fronteira	35
1.8.3.5. O complementar	36

1.8.3.6. A noção de gradiente	36
2. A CONSTRUÇÃO RESULTATIVA.....	38
2.1 Em torno da instalação de uma possível categoria: posições contra e a favor	39
2.2. Os argumentos de cada posição: disputa sobre os contornos de uma categoria.....	40
3 PERSPECTIVAS DE ESTUDO DA TRADUÇÃO	47
4 ANÁLISE	54
4.1 Enunciado: 1	55
4.2 Enunciado: 2	60
4.3 Enunciado: 3	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	70
ANEXO	74

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de uma inquietação sobre a atividade de tradução. A motivação surgiu da nossa experiência como bolsista, ao participar do subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência¹ (PIBID) na área de Letras, especificamente, na área de língua inglesa, que se desenvolveu no *Campus* Universitário de Alto Araguaia². Do contato que tivemos com o ensino de língua inglesa na escola, inicialmente chamou nossa atenção a importância que os professores dão à tradução e a contribuição do trabalho com tradução para o aprendizado dos alunos. Aliada a nossa formação acadêmica, passamos, então, a questionar sobre qual o conceito de tradutor, de tradução e de identidade que estão presentes no ensino e se esses conceitos coincidem com aqueles dos tradutores, intérpretes e demais profissionais para quem a tradução faz parte do cotidiano.

Cabe ressaltar que, neste trabalho, não se propõe tratar questões de ensino, mas apenas do funcionamento do ato tradutório. O que, talvez, possa contribuir para alguma compreensão da tradução no ensino, mas uma discussão desse tipo foge aos propósitos dessa pesquisa, pois a nossa experiência com o ensino de língua estrangeira foi motivadora para uma pesquisa linguística sobre os processos enunciativos.

A Revista *Cult*³ publicou, em sua versão eletrônica, a entrevista concedida à jornalista Mariana Marinho pelo tradutor Paulo Henriques Britto. Quando foi questionado sobre “O que é mais difícil no processo de tradução?”, sua resposta fez referência ao tempo em que a pesquisa terminológica carecia de dicionários especializados e de enciclopédias exaustivas. Atualmente, superadas as dificuldades técnicas da tradução, com o avanço das pesquisas terminológicas e o uso de computadores, Paulo Henrique afirma que “a grande questão que está sempre em jogo é a seguinte: até que ponto você tem um compromisso com o original e até que ponto você tem um compromisso com o público que lerá a sua tradução. É a velha história, sua tradução é uma coisa autônoma ou é uma transposição da obra? As opiniões oscilam entre esses dois polos” (BRITTO, 2013).

¹ O PIBID é um programa da CAPES que tem por finalidade contribuir para a formação de professores em situação de pré-serviço e em serviço.

² O objetivo do subprojeto era contribuir para a formação inicial e continuada de profissionais da área de língua inglesa para atuar no ensino dessa língua.

³ Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/07/a-arte-de-traduzir/>>.

Segundo Pria (2014, p. 111), “dado o contexto sócio-político, econômico e cultural no qual a tradução tem sido ensinada, está quase sempre a serviço de alguma outra coisa. Isso nos coloca em face de uma concepção utilitarista da tradução”. Durante os estágios do PIBID, pudemos observar que o ensino de línguas estrangeiras não foge ao contexto referido por Pria (2014) na citação acima. O trabalho do professor em sala de aula está voltado principalmente à instrumentação do aluno para o trabalho. Esse ponto de vista do professor está em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio (PCN) que “atenda às expectativas de formação escolar dos alunos para o mundo contemporâneo” (BRASIL, 2000, p. 4). Como já o sabemos, desde a Revolução Industrial, o mundo contemporâneo tem se desenvolvido voltado para a inserção do educando no mercado de trabalho e do consumo. A formação escolar tem acompanhado essa tendência.

No entanto, essa mesma sociedade voltada ao utilitário, que quer uma identificação do texto-alvo com o texto-fonte quanto ao seu conteúdo, em algum momento, cobra dos tradutores e dos textos-alvo alguma originalidade, a “transposição” referida por Brito (2013). O tradutor teoriza sua prática entre dois polos: não ser original, mas ser “fiel” ou ser original, mas ser “infiel”.

Assumida a possibilidade da “fidelidade total” (ARROJO, 1986, p. 37) é que se produz a identidade do tradutor “fiel” como aquele que transfere o conteúdo de um texto de uma língua-fonte para uma língua-alvo sem interferir nesse conteúdo. É preciso idealizar que exista um conteúdo *a priori* (FRANCKEL, 2011) independente da interferência subjetiva e da sua realização desse conteúdo nessa ou naquela expressão. Esse *a priori* também vai sustentar o conceito de tradução mecânica e de língua como sistema de signos (SAUSSURE, 2010; JAKOBSON, 2007). Assim como o emissor envia um conteúdo para um receptor, ambos falantes de uma mesma língua, um tradutor envia um conteúdo para um receptor, mas, nesse caso, de outra língua.

Assumida a impossibilidade da “fidelidade total” (ARROJO, 1986, p. 37), e da produção da identidade do tradutor “fiel”, nega-se a existência de um conteúdo *a priori* e é assumida a interferência do tradutor no conteúdo (a interferência na forma é inegável). Existindo vários textos-alvo que tenham partido de um texto-fonte, cada uma será a expressão de um conteúdo distinto. Agora a idealização não é de um conteúdo *a priori*, mas da *diversidade* de conteúdos. Primeiro, em nome das semelhanças, são desprezadas as diferenças; depois, em nome das diferenças são desprezadas as semelhanças.

Muito se tem discutido sobre a dificuldade de traduzir para a língua portuguesa frases da língua inglesa como *John swept the house clean, John painted the house yellow, She*

laughed him out of his patience, John washed the soup out of his eyes, e assim por diante. Se se assumir que aquelas são expressões de um certo conteúdo, depois é possível indagar sobre quais seriam as expressões adequadas a expressar esse mesmo conteúdo na língua portuguesa. Há uma extensa literatura nesse sentido. Há quem afirme que na língua portuguesa não há expressões equivalentes, isto é, expressões que mantenham equivalência sintática com aquelas expressões do inglês.

Para observar se os sujeitos encontrariam dificuldade na tradução daquelas expressões, enviamos um formulário via e-mail a vários conhecidos nossos que sabíamos ter algum domínio da língua inglesa. Esse domínio vai desde o básico até o avançado⁴. O formulário trazia a seguinte informação: *Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.* Os seis enunciados referidos no cabeçalho do formulário eram estes: *John swept the house clean; She laughed him out of his patience; My mistress grumbled herself calm; John washed the soap out of his eyes; The clock ticked the baby awake e John painted the house yellow.*

Nem todos os nossos colaboradores nos retornaram os formulários com as traduções que havíamos solicitado, mas tivemos um retorno de um número de formulários respondidos que foi satisfatório para que pudéssemos avançar com a pesquisa. A partir desse *corpus*, selecionamos as seguintes traduções: John varreu bem limpa a casa; John varreu a casa até ficar limpa; John ficou varrendo a casa até conseguiu limpá-la bem. A escolha por esse tipo de dados se deu pela variação observada na superfície dos enunciados.

Assumimos a hipótese de que, para chegar ao texto-alvo, os tradutores tiveram de localizar o texto-fonte em relação a uma situação de enunciação. Essa hipótese está fundamentada pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b). Segundo Culioli, o proponente da teoria, “se designamos uma léxis através de λ e através de *Sit* (para situação de enunciação) designamos o sistema de localização enunciativa, logo, um enunciado é o produto da operação: $\langle \lambda \in \text{Sit} \rangle$ ” (CULIOLI, 1999a, p. 101).

⁴ Consideramos que não era relevante para os nossos propósitos avaliar o domínio de língua de cada colaborador.

À diferença do texto-alvo, que também deve ter sido produzido em relação a uma situação de enunciação, não foram todos os textos-alvo que apagaram as marcas dessa ancoragem. Logo, muitos desses textos trazem marcas de asserção, de modalidade e de determinação que não se encontram nos textos-fonte. Assumimos, então, a hipótese de que essas marcas são “marcas materiais da atividade de linguagem que não só sustenta o que está estabilizado, mas também controla, através de operações invariantes, toda e qualquer variação” (PRIA, 2009, p. 16). Subjacente à afirmação de Pria (2009), está a definição de linguagem enquanto “uma atividade de representação, referenciação e regulação acessível somente através de sequências textuais, isto é, através do agenciamento de marcadores que são traços de operações subjacentes” (CULIOLI, 1990, p. 14, 179).

Neste trabalho, buscamos avançar com a hipótese de Pria (2014) de que a variação observada na superfície dos textos-alvo, antes de poder ser avaliada em termos da eficácia do trabalho do tradutor, deve ser considerada na sua articulação com as situações de enunciação também variáveis que cada tradutor levou em conta para traduzir o texto-origem.

O trabalho do tradutor não é um trabalho desorientado, mas orientado. Pelo contrário, se referimos a esse sujeito como tradutor é porque observamos a sua ação e o resultado da sua ação. O tradutor é um sujeito que está orientado para uma determinada direção. Isso se deve a um projeto (motivação) que é: a) passar de uma representação dada numa língua-origem para uma representação não-ainda numa língua-alvo; (b) aproximar essas duas representações e observar se existe uma possível identificação entre elas.

Se fossemos considerar a qualidade dos textos-alvo sob um certo ponto de vista, logo concluiríamos que se afastam do original e que, por isso, muitos deles estão incorretos. Julgamentos em termos de *qualidade* são comuns em sociedades que, alheias aos processos de produção, fazem tais julgamentos apenas sobre a superfície daquilo que é observado da perspectiva do consumo. Se fizermos algum julgamento dessa natureza, deve-se mais à nossa inserção nessa sociedade, não nos vemos fora da sociedade na qual estamos inseridos, do que a uma motivação teórica para tanto. Não foi um objetivo consciente nosso produzir justificativas para a ineficácia ou para os equívocos dos tradutores, ainda que esse trabalho possa ser entendido dessa forma. Concordamos com Rezende (2010) que o bom texto e, acrescentamos, que a boa tradução, são aqueles que passam pelo “amadurecimento cultural, a acuidade perceptiva, o autoconhecimento (que evidentemente implica o conhecimento das alteridades envolvidas e negadas, quer dizer, das opiniões contrárias) e, conseqüentemente, mostram, também, a capacidade expressiva” (REZENDE, 2010, p. 77).

A dissertação foi organizada em quatro seções, além desta introdução, das considerações finais e das referências.

Na primeira seção, fizemos uma síntese do projeto teórico do linguista Antoine Culioli, conhecido como Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Acreditamos que a maior parte desta dissertação tenha sido subsidiada pela orientação teórica e metodológica de Culioli. Ademais essa síntese é parte do nosso esforço pela apropriação da problemática construtivista (LOPES, 2006; FRANCKEL, 2011) dos processos de significação. Buscamos articular conceitos fundamentais da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas com a análise de um conjunto de enunciados que designaremos como *corpus*. Ressaltamos a ênfase que foi dada nessa seção aos conceitos de língua, de linguagem, de atividade da linguagem, de operações construtivas do enunciado, de noção, de domínio nocional, de operações de quantificação e qualificação, de operações modais e aspectuais.

A segunda seção situa uma polêmica em relação a um valor/forma que se convencionou chamar “construções resultativas”. Assumimos que apresentamos apenas parte das polêmicas que, desde o surgimento da gramática gerativa, são arrastadas pela categoria. Inúmeros trabalhos se consagram pelo interesse em demonstrar seja a “existência” seja a “não existência” de construções resultativas para o português brasileiro. A leitura que fizemos dessa polêmica foi em alguma medida induzida pelo processo de apropriação da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

A terceira seção consiste na observação que desde sempre, pesquisadores já discutiam sobre o que pensam em relação à tradução e parece que, de fato, quando se trata dessa operação entre línguas, não faltam má compreensão e opiniões distintas. Para mostrarmos a diversificação dos estudos da tradução, reunimos três conjuntos de pesquisadores que têm se dedicado a discutir tal assunto. O primeiro conjunto de pesquisadores defende que a tradução é tomada como um “acontecimento histórico”, e não como um “modelo” de tradução. O segundo conjunto de pesquisadores tende a tratar o conceito de tradução como modelo. São tributários desse conceito os modelos de língua usualmente conhecidos como “sistemas linguísticos”. Há um outro conjunto de pesquisadores, no qual nos incluímos, que compreende que “a tradução é um caso particular de paráfrase” (CULIOLI, 1976, p. 29).

A quarta seção é o espaço delimitado para a análise do nosso *corpus*. Nesse espaço analisamos ocorrências de tradução de *John swept the house clean*, tais como *John varreu bem limpa a casa*; *John varreu a casa até ficar limpa*; *John ficou varrendo a casa até conseguiu limpá-la bem*, feitas por nossos colaboradores. A construção de um sistema de representação metalinguística que desse corpo (visibilidade) à atividade de linguagem e às

operações que estão subjacentes à representação linguística estiveram sempre em nosso horizonte ao avançar com as análises. Isso envolveu a problematização da variação nos enunciados observados, bem como foi problematizada a relação dessa variação com os textos originais e com os sujeitos enunciadoreis.

Por fim, encerramos esse trabalho com as considerações finais. Fizemos uma síntese do que foi tratado em cada seção e construímos, em alguns casos, questões que poderão vir a ser respondidas no futuro. Retomamos nossas hipóteses da introdução e avaliamos se as análises nos ajudaram a melhorar o que nos motivou a desenvolver este trabalho.

Esperamos que este trabalho venha a contribuir para a compreensão do que vem a ser o trabalho de tradução antes que ele tenha se constituído como uma prática profissional. Com os resultados deste trabalho, pretendemos explicitar o processo de apropriação do fazer e do pensar que estão subjacentes às representações em língua. Isso nos situa dentro de uma perspectiva “fundamentalmente *construtivista*” (FRANCKEL, 2011, p. 15 - grifo do autor) de estudos da linguagem articulada com as línguas naturais (CULIOLI, 1990).

1 A TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS

Tanto nossas hipóteses iniciais quanto as análises que subsidiaram alguns ajustes àquelas hipóteses ao final de trabalho foram desenvolvidos no âmbito do nosso processo de apropriação do projeto teórico conhecido como Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (doravante TOPE), iniciado pelo linguista francês Antoine Culioli. A síntese que fizemos de obras que em alguma medida situam esse projeto teórico tem por finalidade explicitar ao leitor deste trabalho os conceitos com os quais temos nos familiarizados desde o início da pesquisa de mestrado. A ênfase fica por conta dos conceitos de língua, de linguagem, de atividade da linguagem, de operações construtivas do enunciado, de noção, de domínio nocional, de operações de quantificação e qualificação, de operações modais e aspectuais. O posicionamento teórico adotado implica pensar o sistema de localização situacional (CULIOLI, 1990, p. 80) é sustentado pelos conceitos de localização e de identificação.

A TOPE está situada no contexto de pesquisas linguísticas que tiveram seus aspectos teóricos e metodológicos desenvolvidos a partir de conferências e artigos organizados em três volumes, em forma de coletâneas, todos intitulados: *Pour une linguistique de l'énonciation* (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b).

Culioli nasceu em 4 setembro de 1924, em Marselha, no sul da França. Foi professor de inglês na Universidade da Sorbonne, pelo período de 4 anos, entre 1949 a 1953. Esteve sempre interessado pelas línguas estrangeiras desde o início da sua carreira. Seus interesses estiveram direcionados para a construção de uma teoria que fosse capaz de analisar e explicar as diferenças entre as línguas, bem como as operações que lhes são subjacentes (ZAVAGLIA, 2016, p.18).

O GETOE⁵, Grupo de Estudos da Teoria das Operações Enunciativas, publicou, em sua versão eletrônica, a bibliografia de Antoine Culioli. Segundo o GETOE, essa teoria começou a ser desenvolvida há mais de 40 anos. Culioli até hoje ministra cursos de Pós-graduação na Escola Normal Superior de Paris e continua a estudar a articulação da atividade de linguagem com as línguas naturais. Ao longo desses anos, seus estudos têm se dedicado àquilo que muitas vezes fica relegado ao segundo plano, “o sujeito” pela ciência, isto é, o

⁵ Disponível em:< <http://getoe1.blogspot.com.br/2013/04/biografia-de-antoine-culioli.html>>.

sujeito. No entanto, não é a construção de teoria do sujeito seu objetivo. A TOPE direciona seus objetivos ao estudo da articulação da atividade de linguagem com as línguas naturais. Compreendemos através dessa teoria que a linguagem nunca foi uma área exclusiva da Linguística. Pelo contrário, outras áreas, tais como a lógica, a medicina, a psicologia, a literatura e até mesmo a informática, dada sua significância, têm a linguagem como tema de estudo (ZAVAGLIA, 2016, p.13). Todas essas áreas, ainda que sob perspectivas diferentes, reiteram o papel fundamental da linguagem na organização do pensamento humano.

1.1. Linguagem e Línguas

Segundo Vogue⁶ (2011), a TOPE de Antoine Culioli ilustra, sob diferentes pontos de vista, a força e a especificidade dessa teoria. Culioli redefine a linguística como a ciência que estuda a linguagem por meio da diversidade das línguas naturais, ou seja, a proposta é apreender as operações de linguagem através da diversidade das línguas naturais (e através da diversidade dos textos, orais ou escritos). Com efeito, o que se propõe é a procura do dado linguístico como resultado de uma articulação entre linguagem e línguas.

Para a TOPE, o objeto de estudo da linguística não é exclusivamente a linguagem. Varias áreas de conhecimento se interessam por esse objeto. A relação entre as línguas e a linguagem não é razão suficiente para ser ter apenas a linguagem como objeto de estudo. Para Culioli não possível à linguística propor a estudar a linguagem como um domínio puro. O linguista não tem acesso direto à linguagem, assim como a linguagem não está relacionada somente às línguas. A construção da significação, ou seja, a atividade de linguagem, é a capacidade de todo e qualquer ser humano tem para representar, referenciar e regular, são passível de ser vislumbrada por meio das línguas e é em relação com a linguística que essa atividade se constrói.

A linguagem é uma capacidade humana de elaborar símbolos. Como atividade simbólica, proporciona a organização e desenvolvimento do pensamento. A atividade simbólica não exclui as falhas, os erros e as deformações que, sob um certo ponto de vista, são considerados como “falhas de comunicação”.

Para a TOPE, toda expressão verbal que vier a constituir enunciado pode ser objeto de estudo. O que de outro ponto de vista é compreendido sob o conceito de classe gramatical, para a TOPE será compreendido sob o conceito de marcador de operação. Assim, já não se

⁶ O início dessa seção sobre linguagem e língua foi subsidiado pela coletânea de textos de Vogüé; Franckel; Paillard (2011).

abstrai da dimensão empírica do enunciado antes mesmo que algum enunciado tenha sido observado. O objeto de estudo do linguista, da perspectiva da TOPE, não é estável e nem imutável. Na reflexão culioliana, a língua apresenta-se sob a forma de textos e cada texto representa formas de arranjos e configurações que vão, à primeira vista, variar de uma língua para outra, mas das quais se poderá, num dado momento, procurar as regularidades (CULIOLI, 1976, p. 9). Desse modo, as línguas são definidas como configurações e agenciamentos linguísticos específicos produzidos e reconhecidos pelos sujeitos nas formas de textos orais ou escritos, os únicos materiais acessíveis ao linguista. Para se trabalhar a língua, tentando compreender a linguagem, será necessário tomar o texto como partida e, posteriormente, retornar a ele, o que não significa que o linguista trabalhará apenas na superfície textual.

1.2. A produção e o reconhecimento

A TOPE propõe-se a estudar o movimento (do processo cognitivo) na construção da unidade significativa, na produção e no reconhecimento de enunciados, no momento singular da interação verbal. No instante em que os sujeitos estão em situação de enunciação há interação verbal. A fala e da escuta nos permitem observar a troca verbal externa aos sujeitos. Ainda que nesse movimento de trocas linguísticas seja possível delimitar um emissor e um receptor, não há, do ponto de vista da atividade de linguagem, separação entre emissor e receptor, conforme ressalta Culioli (1990). A TOPE define o enunciador como sendo concomitantemente construtor e reconhecedor de formas. Em cada sujeito há um diálogo interno e não consciente. Culioli definiu esse diálogo como “atividade epilinguística” (CULIOLI, 1990, p.14).

A atividade epilinguística é compreendida como o processo de construção ou produção de formas. A interpretação e o reconhecimento de formas são uma espécie de produção segunda. É a atividade de linguagem que permite aos sujeitos construir e reconhecer formas através dos agenciamentos de marcadores de cada língua dada. Quanto mais intenso for o diálogo interno, mais intenso será o diálogo externo. A descrição dos produtos languageiros é apenas um ponto de partida para a TOPE, a prioridade é a compreensão das operações que estão subjacentes a tais produtos (SALVIATO-SILVA, 2007, p. 23).

Ademais, a todo instante estamos construindo e interpretando enunciados. Numa primeira instância, isso pode nos parecer muito comum, mas não o é quando considerada a complexidade das operações envolvidas nesse processo. A atividade de linguagem

fundamenta os movimentos que tanto favorecem novas estabilizações quanto ratifica aquelas já conhecidas. Consideremos como exemplo a interação verbal de um casal: a mulher (diz para o marido): - *Amor deixa de ser mentiroso!*; o marido (responde para a mulher): - *Mas, eu não sou mentiroso, eu sou brincadroso!* Em situação de interação verbal, os sujeitos tendem a buscar saídas para os mal-entendidos. Desde a infância a atividade epilinguística já é bastante intensa. Observe-se o diálogo⁷ a seguir:

- *Tio, advinha o que o Santos Dumont inventou?*
- *Ah, eu não sei não.*
- *Ele voa.*
- *O mosquito!*
- *Ele tem asa maior que o mosquito.*
- *Passarinho!*
- *Não!*
- *Mas o passarinho voa e tem asa maior que o mosquito!*
- *Mas esse tem asa dura e o passarinho tem asa mole. É o avião!*
(SALVIATO-SILVA, 2007).

Observe-se o esforço da criança por desambiguar o texto em face dos mal-entendidos. Se o objetivo do enunciador é construir uma sequência interpretável; o co-enunciador poderá interpretar essas formas conforme suas convicções. A significação não é vinculada, mas reconstruída. Pois a relação entre a atividade de produção e reconhecimento supõe a capacidade de ajustamento dos sujeitos.

1.3. A atividade de linguagem

“A atividade de linguagem é a capacidade humana de construção de representação, referenciação e regulação passível de ser vislumbrada por meio das línguas, pois em relação com a linguística, essa atividade que constrói a significação” (CULIOLI, 1976, p. 7). Apresentaremos, a seguir, os três níveis de operações em relação à manipulação dos enunciados.

1.3.1. A atividade de representação

Há três níveis de operações de representação: nível I (das representações mentais ou pré-linguísticas); nível II (nível das representações linguísticas ou dos fenômenos

⁷ O exemplo foi extraído de Salviato-Silva (2007).

observáveis) e nível III (das representações metalinguísticas). Contemplaremos cada um deles a seguir.

Compreende-se que no primeiro nível estão organizados todos os conhecimentos do sujeito, desde aquelas experiências mais remotas da infância. Acrescenta-se, ainda, que cada sujeito tem seu modo diferenciado de experienciar o mundo cultural e emocional e de construir representações mentais que não se restringem às representações linguísticas. Do ponto de vista da atividade de linguagem, não existe separação entre extralinguístico e linguístico. Tudo está sujeito à organização subjetiva da experiência. Todavia, o linguista não tem acesso direto às representações do nível I. O nível II compreende a representação linguística enquanto arranjos de marcadores. O termo “arranjo” remete às regras de boa formação do enunciado. O termo “marcador” deve ser entendido como “marcador de operações mentais” que são traços do nível I que se explicitam no nível II. Esse segundo é o nível do enunciado ou das sequências textuais. O nível III é o das representações metalinguísticas. É o nível que representa metalinguisticamente as representações do nível II. Nesse sentido, só temos acesso ao nível III a partir do II, que, por sua vez, representa o nível I. Concluimos esta seção com a seguinte explicação com relação aos três níveis de estudo em relação à manipulação dos enunciados:

O primeiro nível, Nível 1, é aquele das representações mentais (de ordem cognitiva e afetiva), ao qual nós não temos acesso. O Nível 2, que é acessível ao linguista, é onde estão as representações das representações mentais, ou seja, constitui-se de traços da atividade de representação do Nível 1. Por fim, há um terceiro nível, metalinguístico, que diz respeito às manipulações ou reformulações efetuadas pelo linguista. O Nível 3 é o nível formal, e é constituído por diversas ferramentas metalinguísticas (BIASOTTO, 2012, p. 84).

1.3.2. A atividade de referenciação

A atividade de referenciação visa à construção do valor referencial. Atua justamente na articulação do mundo interior com o exterior e não faz distinção nenhuma entre conhecimentos linguísticos e extralinguísticos. É indissociável do modo como os sujeitos compreendem a realidade e a enunciam. A referenciação é uma construção. Ainda que possa ser observada como uma relação unívoca entre E (objeto físico simbólico, podendo ser um enunciado gráfico ou sonoro) e E' (objeto simbólico e construído que representa o mundo físico e mental), trata-se de uma relação construída de ponto a ponto, e não de uma relação de princípio (SALVIATO-SILVA, 2007, p. 33). Rezende (1983) exemplifica essa relação.

É preciso compreender que “carro” não é um objeto ingenuamente bem delimitado no espaço e que como lingüistas trabalhamos com problemas ligados à atividade simbólica e não com problemas ligados diretamente à realidade física, pois quando produzimos/reconhecemos enunciados podemos associar ao objeto “carro” outras experiências vividas. A referência dos objetos lingüísticos não deve ser buscada de modo direto nos objetos do universo físico mas é uma construção feita através da experiência individual sobre os objetos do mundo físico e mental (REZENDE, 1983a, p.111).

No instante em que se constrói um termo num sistema de referência, também se atribui um valor referencial ao termo. Os valores referenciais serão atribuídos aos objetos lingüísticos sempre em relação a um sistema referencial.

1.3.3. A atividade de regulação

Essa atividade é inseparável daquelas duas acima referidas. Basta-nos pensar nos ajustamentos que colocam em jogo as relações de alteridade entre enunciador e co-enunciador e nas operações de identificação e diferenciação que se constroem. Zavaglia (2002) traz a seguinte contribuição à compreensão da atividade de regulação:

Poderíamos dizer que ela é dialógica e incide sobre o discurso de um enunciador₁ com relação às representações que ele imagina ter um enunciador₂. São dois universos, ao mesmo tempo distintos e semelhantes, que se encontram por meio da verbalização. No processo de construção de formas, que resulta num enunciado, um enunciador₁ regula suas representações na própria representação que faz das representações de um enunciador₂, tentando aproximar-se dele. Aqui estão em jogo as representações de ambos os enunciadores, o que determina sua característica psicossociológica. Seria, grosso-modo, uma adequação do discurso do enunciador dependendo de seu ouvinte ou leitor. Isso quer dizer que, conforme constroem-se referências entre os universos simbólicos lingüístico e extralingüístico e estabelecem-se relações entre as referências construídas, um continuum de construção de referências e de relações sobre relações se delinea dentro de algumas restrições (ZAVAGLIA, 2002, p.26).

Por fim, o “afrouxamento” (ZAVAGLIA, 2002) de restrições no processo de estruturação do enunciado dá lugar a outro nível de regulação, que poderá ser observado na poesia, na piada, no mal-entendido.

Vimos até aqui que a regulação, a representação e a referenciação são operações que possibilitam aos sujeitos produzir e reconhecer formas interpretáveis através dos traços de operações que se podem apreender dos enunciados.

1.4. O enunciado

“Enunciar é construir um *espaço, orientar, determinar*, estabelecer uma rede de valores referenciais, em resumo, um sistema de determinação” (CULIOLI, 1999b, p. 44, grifos do autor). O enunciado é:

um agenciamento de marcas que são, elas mesmas, traços de operações, quer dizer, é a materialização de fenômenos mentais aos quais nós não temos acesso, e dos quais nós, linguistas, só podemos dar uma representação metalinguística, isto é, abstrata⁸. (CULIOLI, 2002, p.27).

O enunciado foi definido por Culioli como um construto teórico. Isso coloca uma diferença entre frase e enunciado. A frase está relacionada com as regras que definem a relação predicativa, enquanto o enunciado resulta da localização de uma relação predicativa numa situação de enunciação. Não há parentesco entre as regras de boa formação dos enunciados e das frases (ZAVAGLIA, 2002, p.27). Concluímos essa seção com as seguintes palavras de Cumpri sobre a complexidade do enunciado:

Culioli não confunde frase e enunciado e não assimila as regras de boa formação da relação predicativa às regras de boa formação da relação enunciativa. Enquanto a frase é definida por regras de boa formação que gerem essencialmente a relação predicativa, o enunciado é uma relação predicativa recuperada em relação a um sistema de coordenadas enunciativas. Ressaltando que as regras de boa formação enunciativa não são, necessariamente, as mesmas regras da boa formação frasal, Culioli (1999a, p. 129) aponta uma sequência como “O gato come bolos como uma frase bem formada, a qual para ser um enunciado igualmente bem formado, necessitaria possuir um localizador, uma marca que recuperasse uma situação singular, como em: “Mãe, veja, o gato está comendo os bolos” (CUMPRI, 2012, p. 39)

1.5. Os processos constitutivos de um enunciado

O esquema de léxis⁹ é uma estrutura de tripla que aparece em todos os níveis de construção do enunciado. Esses níveis envolvem três relações: a relação primitiva, a relação predicativa e a relação enunciativa.

⁸ Original francês: “c’est un agencement de marqueurs, qui sont eux-mêmes la trace d’opérations, c’est-à-dire, que c’est la matérialisation de phénomènes mentaux auxquels nous n’avons pas accès, et dont nous ne pouvons, nous linguistes, que donner une représentation métalinguistique, c’est-à-dire, abstraite” (CULIOLI, 2002, p.27).

⁹ Acrescentamos o acento agudo ao termo original *lexis* do francês. Essa forma adaptada é que utilizaremos neste trabalho.

1.5.1. A léxis

O esquema de léxis é o ponto de partida do processo de construção do enunciado. A léxis (representada por $\langle \xi_0, \xi_1, \pi \rangle$) é constituída de dois argumentos (ξ_0, ξ_1) e de um relator (π). A léxis é uma relação que antecede o predicado (elemento esse que constrói um termo de partida e um localizador) e é a partir dela que podemos teorizar e construir uma relação primitiva (CULIOLI, 1999a). A léxis é anterior a qualquer tipo de categorização em termos de nome, verbo, adjetivo. O esquema de léxis funciona como um filtro lexical que seleciona propriedades das noções as quais os termos remetem (VIGNAUX, 1988). Uma léxis é um potencial gerador de uma família de paráfrases. A variação será o resultado da instanciação da léxis em situações distintas de enunciação. A léxis não é um enunciado. É um esquema formal gerador de enunciados. Cada termo da léxis remete a uma noção.¹⁰ A relação entre noções possibilitam a organização de domínios nocionais¹¹ (CULIOLI, 1999a, p. 101).

1.5.1.1. A relação primitiva

A léxis é um esquema formal e primitivo que possibilita que algo possa ser esquematizado de antemão, tal como afirma Culioli (1976), no nível do dizível. Na sua origem está a passagem do mundo para a língua, isto é, do extralinguístico para o linguístico, e visa direcionar a relação entre os termos da origem para o objetivo. O primeiro argumento (ξ_0) representa a origem da relação e o segundo argumento (ξ_1) representa o objetivo.

Um sentido entre noções começa a se constituir a partir da direção dada aos termos. Como os termos remetem às noções, com efeito, representam indistintamente os universos linguístico e extralinguístico.

Os termos, no entanto, são indeterminados porque ainda não foram localizados em relação a uma situação de enunciação. A categorização e a determinação semântica ainda não estão configuradas.

1.5.1.2. A relação predicativa

¹⁰ Culioli (apud FRANCKEL, 1998, p. 56), define a noção como “um feixe de propriedades físico-culturais, sem lhe conferir um estatuto, propriamente dito, linguístico, apresentando-a como uma entidade híbrida, entre o mundo e as representações culturais de um lado, e a língua, do outro”.

¹¹ O domínio nocional é construído por ocorrências cujas propriedades as colocam no interior, no exterior ou na fronteira do domínio.

O esquema formal da léxis é gerador de várias relações predicativas. Qualquer um dos dois argumentos da léxis poderá ser tomado como termo de partida para a relação predicativa que se pretende construir. A relação predicativa diz respeito à construção desse termo de partida. Considere-se a léxis “Pedro beija Maria” é [Pedro, beijar, Maria]. Dos dois argumentos nominais, Pedro é ξ_0 , e Maria é ξ_1 . A léxis de “Pedro descasca batata roxa” é [Pedro, descascar, (batata-ser-roxa)]; um argumento nominal ξ_0 (Pedro), uma noção de predicado (descascar), um argumento proposicional ξ_0 (batata ser roxa)” (SALVIATO-SILVA, 2007, p. 39).

Podemos derivar desse esquema que a relação predicativa se constitui a partir de dois argumentos e um terceiro que funciona como relator de predicação. Os lugares vazios da léxis devem ser ordenados: um termo de partida, um termo de chegada e um termo que representa o operador de predicação. Quando essa ordenação ocorre, constitui-se a relação predicativa.

1.5.1.3. A relação enunciativa

O enunciado será o produto da localização da léxis, representada por λ , em um sistema formal de coordenadas enunciativas, representado por Sit. A localização de uma léxis

(λ) em relação a uma Sit é representada de modo simplificado pela notação $\langle \lambda \in \text{Sit} \rangle$. Assim, a partir de relações orientadas (relação primitiva) e ordenadas (relação predicativa) precedentes, localizadas em relação a um sistema de coordenadas enunciativas (Sit), é possível derivar uma família de relações predicativas e possivelmente uma família de enunciados em relação parafrástica (PRIA, 2009, p.45).

A afirmar que a significação será constituída a cada situação de enunciação é possível graças à definição desse esquema formal que é a léxis e da operação de base que é a localização. A variação das coordenadas enunciativas está para a variação da organização nocional, e vice-versa.

O enunciado é um objeto fortemente teorizado enquanto agenciamento de marcadores de operações.

Considerando que, no processo de enunciação, o ponto zero de categorização, o esquema de léxis está no ponto de partida do processo de construção do enunciado, abordaremos a seguir essa relação.

1.6. O estado zero de categorização

Culioli (1976) não compartilha dos posicionamentos de Saussure quando este define “a língua é compreendida como um sistema de signos linguísticos, que funciona como leis internas e próprias, quer dizer que não se relacionam com o que lhe é exterior” (SAUSSURE, 2002, p. 24). Se para Saussure a língua é um objeto dado e cabe ao sujeito apenas reproduzir hábitos já construídos sobre a realização desses objetos, para Culioli (1976), tratar a língua como um código estável implica excluir o sujeito do processo de construção desses hábitos. A língua é dada ao sujeito segundo realizações bem sucedidas. Culioli (1976) ironiza que, se fosse assim, todas as línguas do mundo poderiam ser codificadas e decodificadas sem que houvesse algum malentendido. E acrescenta que mesmo pessoas muito próximas e que falam arranjos léxicos-gramaticais semelhantes correm o risco de não serem compreendidas. A variação é da natureza das línguas.

A variação linguística é o próprio movimento da linguagem. A diferença/variação individual entre os interlocutores, que é condição indispensável para o ato de fala básico, é a mesma diferença/variação, em escala mais ampla, das variações dialetais dentro de uma mesma língua e é a mesma diferença/variação que gera as diferentes línguas (REZENDE, 1989, p. 148).

As categorias não se correspondem de uma língua para outra. Na organização das línguas, os responsáveis por essa aproximação são o léxico e a gramática. As categorias não estão dadas *a priori*, não antecedem à trajetória de construção da qual são senão o resultado. Ainda que na superfície das línguas possamos observar categorias tais como verbos, adjetivos, artigos ou resultativo, isso se deve à reiteração de processos que foram aproximados por gramáticos, linguistas, filósofos e assim por diante. Para além desses, muitos outros processos foram descartados sob a ótica do “regular” que, nesse caso, se confunde com “redundante”. É esse trabalho gerador de processos de categorização (“regulares” ou não; “redundantes” ou não) que se pretende observar através de uma teoria da atividade de linguagem como a TOPE. A origem das categorias que conhecemos é maleável e variável. Se o critério da “regularidade” lhes atribui alguma estabilidade, isso se deve ao procedimento teórico-metodológico adotado, e não à essência dos objetos (FRANCKEL, 2011, p. 25). As propriedades dos objetos se definem na e pela interação. A variação é de princípio, conforme afirma Rezende (2000).

1.7. As operações da linguagem

Veremos como se passa do estado zero de categorização para a anexação das categorias. Os dados não só apresentam algum grau de complexidade, como também não se restringem à superfície dos enunciados. A superfície é o ponto de acesso às operações da linguagem e é o ponto a que se chega quando se parte daquelas operações.

A superfície traz marcas de operações elementares, tais como a determinação (quantificação e qualificação), a extração, a flechagem e a varredura.

1.7.1. A determinação: as operações de quantificação e qualificação

Essa operação de quantificação será notada por QNT. Trata-se de uma operação que constitui a representação de algo que pode se distinguir em um espaço de referência (CULIOLI, 1999). Segundo Culioli (1999b), trata-se de uma

operação pela qual se constrói a representação de **alguma coisa** que se pode distinguir e situar em um espaço de referência. [...] Assim, **alguma coisa** não se refere ao inanimado (por oposição a alguém), mas remete a um estado (interno ou externo) do qual se pode dizer que se distinguirá de um outro estado, que implicará, então, descontinuidades, que será localizado (no sentido abstrato do termo) em um domínio de representações. Pode-se dizer de outro modo: **alguma coisa** remete a uma ocorrência [de uma noção], qualquer que seja ela, que um sujeito possa apreender, discernir (perceber como uma forma singular em relação ao meio), distinguir (eliminar a indeterminação) e situar (um sujeito situa essa alguma coisa em um espaço-tempo, que pode ser imaginário)¹² (CULIOLI, 1999b, p. 82 - grifos do autor).

A operação de quantificação visa a fragmentação de uma noção P e a sua individualização em relação a uma classe de ocorrências dessa noção num espaço enunciativo. Nesse espaço é trazida a existência de alguma coisa que até então era um nada. Através dessa fragmentação são construídas ocorrências dessa noção na produção/reconhecimento de enunciados. Através da fragmentação passamos de uma qualidade indiscernível a uma qualidade fragmentada (de ocorrências distintas).

¹² Tradução nossa: “à l’opération par laquelle on construit la représentation d’un quelque chose que l’on peut distinguer et situer dans un espace de référence. [...] Ainsi, quelque chose Il ne se refere pas à inanimés (par opposition à quelqu’un), mais se refere um étal (interne ou externe) dont on peut dire que si distinguirá un autre état, ce qui implique puis, discontinuités, quis era situe (sur sens abstrait de terme) dans un domaine représentations. Vous pouvez dire le contraire: quelque chose se refere à um occurrence [une notion], quel qui soit, um sujet peut apprendre, discerner (réaliser comme une forme singulier par rapport à la), distinguer (éliminer déterminer) et situer (um sujet situe ce quelque chose dans um espace temps que peut être imaginaire).

A qualificação é notada por QLT. É colocada em jogo toda vez que se efetua uma operação de identificação/diferenciação sobre alguma coisa. Essa operação não só afeta alguma coisa que existe, mas também amplia o que se sabe sobre essa alguma coisa. Qualificar significa aplicar sobre o texto a ser analisado. As operações de qualificação e quantificação permitem estabelecer procedimentos de resolução de problemas, nesse ponto, permitindo tratar do complexo. O que não significa, de maneira alguma, eliminará as deformações, as interações, porque não existe uma metalíngua mágica.

Qualificar vai além de atribuir uma propriedade, implica acionar um encadeamento complexo de operações, e não se encerra em ajuntar um qualificativo (CULIOLI, 1999).

Segundo Culioli, a quantificação e qualificação podem ocorrer por meio de tais operações: a extração, a flechagem, a varredura, a identificação e diferenciação. Essas operações serão vistas com mais detalhes nas seções seguintes.

1.7.1.1. A operação de extração

Trata-se de uma operação pela qual se pode extrair da listagem de ocorrências individualizadas da noção uma ocorrência privilegiada. A extração percorre um caminho que parte da individualização de uma ocorrência por meio de sua localização em relação a um sistema situacional. Uma ocorrência pertencente a uma classe abstrata passa a ser uma ocorrência com a propriedade de ter sido situada no tempo e no espaço (PRIA, 2009, p. 66).

Nas línguas ocidentais costumam ser marcadores de extração os artigos indefinidos, os numerais e também o determinante zero. Observemos um exemplo¹³: “um cachorro latiu”, “um livro caiu da estante” etc. O artigo indefinido *um* marca a extração de uma ocorrência singular que não tem nenhum outro traço distintivo além de ter sido singularizada (CULIOLI, 1999b). Em “carne vermelha faz mal” e “leite engorda”, a extração é marcada pelo determinante zero.

1.7.1.2. A operação de flechagem

Essa operação se efetua somente após a operação de extração e consiste na identificação de uma ocorrência posterior de determinada noção com uma ocorrência anterior que, em princípio, remetam às mesmas propriedades de P. Se a segunda ocorrência se

¹³ Esses exemplos foram retirados da tese de doutorado de Aguilar.

identifica com as propriedades da primeira ocorrência, temos então a operação de flechagem. Considere-se o exemplo: “O cachorro entrou na sala”. “O” marca que p_j , do domínio nocional $p_j = p$ da noção /cachorro/, identifica-se com a ocorrência p_j , anteriormente extraída. (ZAVAGLIA, 2002). Nesse caso, é possível observar que não se trata de uma ocorrência qualquer de /cachorro/ e sim de uma ocorrência específica, porque já conhecida antes.

1.7.1.3. A operação de varredura

A operação de varredura consiste em percorrer todos os valores de um domínio sem se deter em nenhuma delas. Percorre-se um domínio de ocorrências de P sem se ater a uma ocorrência distinta em relação a uma situação particular. Considerem-se os seguintes enunciados como exemplos¹⁴: “todo cão tem quatro patas; todo cão late”. A operação de varredura é distinta das operações de extração e flechagem. Percorrem-se todos os valores observáveis de classe de ocorrências abstratas no interior de domínio sem haver extração e nem identificação: “cada”, “todo”, “toda”, “qualquer”, “sempre”, “nunca”, “jamais”, etc. (AGUILAR, 2007, p. 75).

1.7.2. A modalidade

A modalidade é uma categoria gramatical. É por meio dela que o sujeito enunciador consegue dar forma à enunciação. Culioli sustenta a existência de quatro tipos de modalidades: 1) Assertiva 2) epistêmica 3) apreciativa 4) intersubjetiva. A modalidade 1 é a da asserção. Efetiva-se quando o conteúdo da relação predicativa é validado como: verdadeiro ou falso; positivo ou negativo; sim ou não. As interrogativas colocam a possibilidade de responder ao co-enunciador, enquanto as injuntivas colocam as respostas entre o sim, o não e o talvez. A modalidade 1 é a modalidade de base, ainda que fique subtendida, segundo Culioli (1985).

A modalidade 2 é a epistêmica. É marcada pela incerteza do enunciador (domínio do possível, do provável e do eventual). Vejam-se: “É possível que ele venha hoje” e “A veterinária deve vir amanhã”. A modalidade 3 é a apreciativa. Observa-se essa modalidade quando a organização da relação a ser constituída marca uma apreciação de natureza qualitativa centralizada no sujeito enunciador. É ele que vem a manifestar no seu enunciado

¹⁴ Esses exemplos foram retirados da tese de doutorado de Aguilar.

juízos sobre sua satisfação ou insatisfação, sobre sua posição favorável ou desfavorável. Cite-se o exemplo: “Eu acho estranho o jeito de ela se vestir”. A modalidade 4 é a intersubjetiva. Esse tipo de modalidade marca a relação de um valor deôntico, da vontade, da obrigação e da permissão. Vejam-se os exemplos: “Eu espero que você não se atrase” (PRIA, 2009, p. 70).

1.7.3. O aspecto

O aspecto é uma categoria gramatical da linguagem. Através dela o linguista estabelece uma correspondência entre uma noção gramatical e um jogo de marcadores específicos de uma dada língua. O aspecto por sua vez:

recobre problemas em todas as dimensões: o modo do processo (que envolve a questão da fronteira e da mudança de estado); problemas ligados à diátese; problemas que incidem sobre quantificação/qualificação; problemas ligados à modalidade; problemas que incidem sobre a topologia do tempo; problemas ligados à operação de determinação.

Os marcadores aspectuais não equivalem a etiquetas que estabilizam um termo. São traços de operações de base. É através da reconstrução dessas operações que poderemos observar a atividade de linguagem. As operações aspectuais remetem a espaços que se constroem em um percurso enunciativo, desde um momento origem até um momento visado, esperado ou atingido. (VIGNAUX, 1995, p. 580). Através de jogos de temporalidade introduzidos na aspectualidade do processo será possível modular o certo, o possível, o hipotético e o improvável. São modulações sobre o tempo e o espaço de construção das representações. Em suma, através das operações aspectuais o sujeito enunciativo consegue dizer como se apresenta o processo, o que se pode observar através de um nome, adjetivo, verbo, advérbio.

1.8. A noção e o domínio nocional

Nas próximas três seções apresentamos uma síntese dos conceitos de noção, de ocorrência de noção e de centro organizador da noção.

1.8.1. A noção

A noção é definida por Culioli (1990) como: “um feixe de propriedades físico-culturais, sem lhe conferir um estatuto linguístico propriamente dito, apresentando-a como uma entidade híbrida, entre o mundo e as representações físico-culturais, ou um lado, e a língua, por outro” ¹⁵ (CULIOLI, 1990 apud FRANCKEL, 2011, p. 92). A noção é uma entidade do plano cognitivo. Trata-se, portanto, de representações que não estão acessíveis diretamente ao linguista. Segundo Culioli (1999b), a noção é uma entidade que se constitui na articulação do linguístico e do não linguístico, em um nível de representações híbridas. A noção é:

em si própria indizível, sendo apreendida senão através das realizações particulares que são suas ocorrências. Ela implica, portanto, relacionar uma ordem de existência, que não é materializável, nem exibível, nem dizível em si, com as marcas dessa existência, e que jamais são senão suas marcas. (FRANCKEL, 2011, p. 92).

As noções são compostas por propriedades físico-culturais ou propriedades primitivas que podem variar de uma cultura para outra (CULIOLI, 1976). São “fontes de categorização dos objetos e dos fenômenos do mundo e sustentam as representações de propriedades físico-culturais no interior da cultura de uma dada língua” (CULIOLI, 1990 apud PRIA, 2009, p. 51). Sua apreensão se dá através de ocorrências fenomenológicas em contextos específicos. “As noções não coincidem com as palavras, ao contrário, elas são captadas pelas palavras”, ou seja, “as palavras são representantes das ocorrências abstratas da noção” (ZAVAGLIA, 2002, p. 51). Desde os primeiros anos de vida, as noções se constroem e reconstroem na experiência do sujeito. Considerem-se as colocações de Zavaglia (2002, p.51) a esse respeito:

ele vê um cachorro, em outro momento outro cachorro, e assim por diante. Um dia alguém irá lhe dizer: Olha, um cachorro (um au au)! Em seguida, vendo num livro outro cachorro, contam-lhe uma história: o cachorro então abanou o rabinho e foi-se embora, e assim por diante. O indivíduo vai construindo as similaridades entre uma ocorrência fenomenológica de cachorro e outras, ou seja, entre os animais, os desenhos, os latidos, etc.. Num dado momento ele vê um gato, num outro dizem-lhe: olha o gatinho. Instaurou-se a diferenciação, ele começa a perceber que existem cachorros e gatos, que os cachorros se assemelham entre si e se diferenciam dos gatos (ZAVAGLIA, 2002, p. 51).

¹⁵ Original em francês: “un faisceau de propriétés physico-culturelles, sans lui conférer un statut à proprement parler linguistique, la présentant comme une entité hybride, entre le monde et les représentations physico-culturelles d’un côté, la langue de l’autre” (CULIOLI apud FRANCKEL, 2011, p.92).

1.8.2. A ocorrência

A materialização da noção em ocorrências fenomenológicas passa pela construção de ocorrências abstratas. As ocorrências da noção podem ser apreendidas nos planos fenomenológico e linguístico (metalinguísticos).

A ocorrência fenomenológica traz à existência objetos com os quais entramos em contato desde a infância. Segundo Culioli (1990), as ocorrências fenomenológicas não são da alçada do linguista. As ocorrências estão relacionadas à constituição de propriedades dos objetos. “A manipulação das diferentes constituições desses objetos e da sua participação em fenômenos variados é fonte de processos cognitivos de categorização e da construção de representações no interior de uma cultura” (PRIA, 2009, p. 54).

A passagem de uma representação mental a uma atividade que permite referir corresponde a um “colocar em forma” da noção, a uma operação quantitativa sobre a noção (CULIOLI, 1990, p.10). Essa operação funciona do seguinte modo:

- a. Ela se funde sobre uma operação fundamental de construção ligada à predicação de existência, como por exemplo, o que ocorre com “ser” e “haver”. Assim, QNT corresponde à construção de uma ocorrência (por extensão, de uma classe de ocorrências abstratas). Dessa forma, uma ocorrência é um acontecimento enunciativo que delimita uma porção de espaço e tempo especificado pela propriedade P. Inversamente, a propriedade P está inserida em um texto graças a um jogo de determinações que lhe dá um estatuto de ocorrência (menção do dicionário, título, membro de um enunciado).
- b. Ela vai de par com o processo de quantificação (ou fragmentação).
- c. QNT corresponde a um modo de apreensão de QLT por meio ou sob o modo de um agregado de ocorrências de P (o que Culioli (1999b) chamou de classe de ocorrências) (SALVIATO-SILVA, 2007, p. 50).

Do ponto de vista linguístico, a existência pode se dar pela passagem do nada a alguma coisa. A existência pode corresponder a uma forma de extração. Demarcada a existência de uma entidade, outras podem ser demarcadas, assim como uma entidade pode também se autodemarcar.

Culioli (1999b) acrescenta que, do ponto de linguístico, “uma ocorrência é um acontecimento enunciativo que delimita uma porção de espaço/tempo especificada pela propriedade P, para ser mais específico, QNT trata-se de uma correspondência a um modo de apreensão de QLT” (CULIOLI, 1999b, p. 11).

Segundo Gilbert (1999, p. 1), para abordar os mecanismos pertinentes na construção de uma ocorrência, é preciso abordar a dimensão quantitativa e qualitativa:

A primeira constrói a ancoragem situacional da ocorrência, é há, portanto, traço da sua manifestação, sua existência (real ou imaginária). A segunda constrói sua estruturação subjetiva. Essa estruturação consiste na avaliação de uma ocorrência em relação a um protótipo, ou seja, distingue-se um tipo de ocorrência de outro tipo. Uma segunda dimensão qualitativa será pertinente na construção de uma ocorrência. Essa dimensão, ao invés de distinguir um tipo de ocorrência de uma ocorrência de outro tipo, distingue uma ocorrência de certo tipo de uma ocorrência do mesmo tipo. Assim, se a primeira dimensão qualitativa é característica da identificação de ocorrência, já que é “por identificação, [que] o sujeito estabelece que uma ocorrência é uma ocorrência da noção A” (CULIOLI, 1990, p. 96), a segunda dimensão coloca em questão a diferenciação de ocorrências possíveis e imagináveis umas em relação às outras, no interior do domínio nocional. (GILBERT, 1999, p. 1)

1.8.3. O centro organizador da noção

A construção de um polo de referência que visa à construção de representações é, segundo Culioli (1999b), o objetivo do centro organizador da noção ou do domínio de ocorrência da noção. O que está sendo enfatizado aqui é o fato de não existir representação de qualquer ordem que seja que não se coloque em relação a um pólo de referência. Considerar essa ocorrência-modelo ou ocorrência privilegiada corresponde ao que Culioli diz que caminhamos do desconhecido ao conhecido, constrói-se relativamente a um centro organizador.

O domínio nocional é construído por ocorrências cujas propriedades as colocam no interior, no exterior ou na fronteira do domínio. O ser humano tem a capacidade e a necessidade de organizar as representações em relação a um domínio de equilíbrio de propriedades da noção. Não há uma relação estabilizada entre a noção e uma ocorrência particular. A determinação de relações entre a noção e as ocorrências será construída em relação ao centro organizador ou do centro atrator do domínio (AGUILAR, 2007, p. 63).

1.8.3.1. O tipo

O tipo possibilita identificar uma ocorrência como modelo da noção.

No tipo, a classe de ocorrências é construída pela identificação ou diferenciação com o centro organizador. Os diferentes graus de identidade vão fazer com que as ocorrências se agrupem ao longo de um gradiente.

Ocorrências idênticas ou quase idênticas à ocorrência tipo serão agrupadas perto do centro organizador; ocorrências com menos propriedades em comum com a ocorrência tipo serão agrupadas em ordem decrescente de identidade e em ordem crescente de alteridade em relação ao centro (CULIOLI, 1999b). Para dar um exemplo: Essa pessoa é tudo, menos um amigo! a pessoa em questão não é um exemplar de /amigo/ pois não remete às propriedades de <ser amigo> (BIASOTTO, 2010, p. 68).

Conclui-se que a ocorrência modelo da noção tem como objetivo interpretar o papel de localizador. Através do tipo se organiza o centro do domínio, em relação ao qual ocorrências abstratas poderão ser avaliadas como sendo ou não ocorrências da mesma propriedade.

1.8.3.2. O atrator

Segundo Culioli (1999b), o atrator difere muito do tipo e tem a característica da singularidade. O atrator é uma ocorrência que não se pode comparar com outras ocorrências. Tomemos como exemplo: “ela é uma mãe daquelas!” (ZAVAGLIA, 2002). Nesse exemplo, a ocorrência de *mãe* remete a todas as propriedades de P (a noção /ser mãe/). Quando o atrator constrói o seu próprio termo de referência, ele também se constrói como origem absoluta (CULIOLI, 1999b).

Na teoria de Culioli, o atrator não corresponde a um máximo não é um último ponto, pois, há sempre um ponto além dele que se constrói. É um valor definido em relação ao próprio predicado. Ele é constitutivo de seu próprio fundamento.

Há uma diferença considerável entre o tipo, que remete a uma ocorrência representativa, e o atrator, que remete a uma representação absoluta e abstrata.

1.8.3.3. O discreto, o compacto e o denso.

“A construção de ocorrências leva em consideração propriedades nocionais determinadas pelo centro organizador da noção, ora sendo privilegiado o tipo, ora sendo o atrator, ou ainda nenhuma preponderância de nenhum dos modos” (ZAVAGLIA, 2002, p.56). Conforme o papel adotado pelo centro organizador, serão possíveis algumas preponderâncias ou qualitativas, ou quantitativas ou qualitativas e quantitativas. São essas ponderações que a tipologia discreto, compacto e denso visa apreender.

O discreto tem preponderância de Qnt. Remete a ocorrências construídas em relação ao tipo. As noções são instanciadas em ocorrências demarcadas numa porção de espaço-

tempo. Considerem-se os exemplos: “trinta carros foram entregues hoje”, “ontem eu vi um menino esquisito em frente à sua casa” (ZAVAGLIA, 2002, p.57).

Quando a noção não pode ser nem quantificada nem tão pouco enumerada estamos diante do funcionamento do compacto. Como se constrói com base na intensidade, a preponderância provém do atrator. Já não é possível a comparação da ocorrência com outras ocorrências, exceto se a comparação se der em relação a si mesma através de operações Qlt. Citemos alguns exemplos desse valor: “que carro, rapaz!”, “mas que menino!” e “o vento aumentou” (ZAVAGLIA, 2002, p.57).

O denso é um valor misto, sem preponderância de Qnt ou de Qlt. As ocorrências nem estão demarcadas por uma porção de espaço-tempo nem tampouco estão individualizadas em relação ao atrator. Vejam-se os exemplos: “Eu estou apertada”. As propriedades de /ser apertado/ não variam no espaço-tempo. O funcionamento do denso refere-se ao um continuum no qual uma propriedade oscila entre o discreto e o compacto. (ZAVAGLIA, 2002, p.57).

1.8.3.4. A fronteira

Os centros organizadores do domínio são responsáveis pela estruturação das representações numa trajetória de operações e de estabilizações possíveis dentro de um domínio nocional que, além do interior e do exterior é munido de uma fronteira. Segundo Culioli (1990), é em relação ao atrator que se organiza a área de fronteira (o verdadeiramente p), isto é, uma zona de alteração, de transformação de p , um espaço de construção daquilo que, ao mesmo tempo, pode ter a propriedade p e uma alteração da propriedade p , onde já não se pode afirmar que algo é totalmente p , mas também não se pode afirmar que algo é totalmente exterior ao domínio de p (verdadeiramente não- p) (PRIA, 2009, p.62). Pria (2009) comenta um caso de fronteira fornecido por Culioli (1990, p. 88-90).

Considere-se *dia* e seu complementar *noite*, ou seja, considere-se que, no interior do domínio, constrói-se um valor por excelência *dia-dia* (“tudo aquilo que é estritamente dia”) e, no exterior do domínio, constrói-se seu complementar *noite-noite* (“tudo aquilo que não é estritamente dia”). Na área de fronteira, constrói-se o *dia-noite*, a “alvorada”, o “ocaso”, por exemplo, isto é, um valor intermediário entre o *dia-dia* e a *noite-noite* (“não exatamente dia”; “não exatamente noite”) (PRIA, 2009, p.62-63).

1.8.3.5. O complementar

A questão do complementar, Culioli faz com que refletimos sobre a ideia tendenciosa de se trabalhar, sempre, com universo restrito de valores como, por exemplo, *bom/ruim*, *bonito/feio*, *grande/pequeno*. Essa tendência nos conduzem na maioria das vezes a privilegiar um certo tipo de par, sobretudo, está fundamentado há uma idéia ingênua de complementação lógica.

Culioli (1990) questiona nessa citação a oposição entre dois valores cuja oposição está previamente construída pela cultura. Abordagens tradicionais chegam a entender que o complementar está nesse sistema de oposição de dois valores.

Segundo Culioli (1990), ainda que o linguista escolha trabalhar com dois valores, essa não é a única opção. Também se pode optar por trabalhar com gradientes. Consideremos o par “bom/ruim” proposto por Santos (2007): coloquemos “bom” como centro organizador, o gradiente se constrói com representações de “menos bom”, “quase bom” etc. A passagem de “bom” a “ruim” implica a passagem de um domínio a outro. Na fronteira, nada garante que “não bom” possa ser tomado por “ruim”, e vice-versa. A relação entre os termos não é mecânica e recobrir essas relações com etiquetas reduz o fenômeno a apenas uma de suas faces.

1.8.3.6. A noção de gradiente

Já vimos que o “o atrator constrói o valor extremo de uma ocorrência imaginária sobre um gradiente” (CULIOLI, 1997a, p. 55). Já vimos também que

o atrator é necessário como constitutivo de um dos pólos permitindo, por meio das operações possíveis dos sujeitos enunciadorees sobre os domínios estruturados, a existência de zonas de diferenciação que se afastam do centro atrator, portanto mais frouxas em relação a esse centro¹⁶ (CULIOLI, 1990, p. 61).

Para exemplificar, tomaremos aqui o processo do “cozimento” citado por Culioli (2002, p. 217-218). Consideremos pelo menos dois estados: o “cozido” e o “cru”. O legume poderá permanecer cru, ao menos que não o levamos a cozinhar. No entanto, a partir do

¹⁶Tradução nossa: “l'attracteur Il ets nécessaire comme constitutive l'un des pôles permettant, a travers les opérations possibles de enunciadorees sujets sur les domaines structurés, l'existence de zones différenciation qui dévient du centre attracteur, donc plus souple par rapport à centre” (CULIOLI, 1990, p. 61).

momento em que o legume é colocado para cozinhar, ainda que esteja pouco cozido, já não pode mais ser considerado completamente cru, nem tão pouco totalmente cozido. Ficamos entre os dois centros: o “plenamente cru” e o “plenamente cozido”. O gradiente vai de um centro ao outro. Nesse intervalo, vários outros valores se esboçam: o “não tão cru”, o “não tão cozido”, o “quase cru”, o “quase cozido”, e assim por diante. Há um movimento na fronteira do domínio, que vai de um polo (atrator) a outro, vai do “cru” ao “cozido”. Em direção ao interior do domínio de “cozido”, constrói-se aquilo que é cada vez mais cozido, em direção ao interior do domínio de “cru”, constrói-se aquilo que é cada vez menos cozido.

A chamada “resultatividade” é o tema da próxima seção. Essa categoria foi definida inicialmente por Jespersen para a língua inglesa. No entanto, Jespersen usou a expressão “object of result” para referir um dado tipo de construção da língua inglesa. Posteriormente, o termo “resultative” foi utilizado por Halliday (1967, p. 63-65) para referir àquelas mesmas construções. A disputa quanto ao que vem a ser “construção resultativa” é antiga, conforme podemos observar na próxima seção, assim como são antigos os dilemas construídos em razão dessa disputa. E como se trata de disputa, os argumentos vão desde a existência da categoria até a sua não existência.

2 A CONSTRUÇÃO RESULTATIVA

Que não há um consenso sobre o que se entende por “construções resultativas” (doravante CR) já o sabemos. A categoria inicialmente definida para a língua inglesa (JESPERSEN, 1909-1949; HALLIDAY, 1967) também suscita polêmicas se considerado o português brasileiro. As teorias em torno dessas polêmicas operam todas com o conceito de categoria. Quando se opera com o conceito de categoria, os construtos teóricos tendem a ser as categorias elas mesmas, abstraídas das observações que tenham sido feitas.

As nossas hipóteses de pesquisa, construídas no âmbito da Teoria das Operações Enunciativas (doravante TOPE), nos distanciam daqueles projetos teóricos que têm o conceito de categoria como operatório. Esse conceito não é operatório para a TOPE. Os construtos teóricos da TOPE são representações abstratas de enunciados formalizadas através da atividade metalinguística. Além dessa opção teórica, ainda outras nos distinguem de domínios recorrentes em linguística.

A TOPE se distingue de outras abordagens teóricas por entender que a linguística tem por objetivo “compreender a atividade de linguagem através da diversidade das línguas naturais (e através da diversidade de textos, orais e escritos)” (CULIOLI, 1990, p. 14) e que a superfície dos enunciados compreende arranjos de “marcas materiais da atividade de linguagem que não só sustenta o que está estabilizado, mas também controla, através de operações invariantes, toda e qualquer variação” (PRIA, 2009, p. 16).

A resultatividade enquanto categoria não é operatória para a TOPE. Para essa teoria, é relevante a variação que se encontra no centro da disputa sobre a categoria resultatividade quando essa variação é considerada na sua articulação com as situações de enunciação também variáveis que cada tradutor levou em conta para traduzir do inglês para o português um certo tipo de construção.

Com essa seção queremos explicitar: (1) que a categoria “resultatividade” é um construto teórico tomado ele mesmo como dado em alguns casos; (2) que esse construto teórico tem a observação de enunciados na sua origem, ainda que isso se perca posteriormente, e que vez ou outra ainda se recorre à observação de enunciados quando isso se mostra útil à sustentação de argumentos na disputa pela instalação da categoria “resultatividade”. Negar a existência da categoria não extingue a disputa, talvez a intensifique. Caminhar em outra direção que não o da disputa pela existência ou não existência (ainda um

modo de existir) da categoria talvez não seja o caminho desejado para alguns domínios da linguística, mas é o nosso. Com este trabalho, esperamos ao menos esboçar essa terceira via.

As construções das quais os tradutores partiram em inglês, conhecidas como construções resultativas, são representações instáveis na língua-origem, em razão da ausência de marcas de asserção. Os tradutores estabilizam a representação na língua-alvo através de marcas de asserção. A oscilação das construções da língua de partida se desfaz em ocorrências estabilizadas de representação. Sob certo ponto de vista, se pode concluir pela ineficácia do trabalho dos tradutores, que não sustentam na língua alvo a instabilidade das construções da língua de partida. No entanto, nosso objetivo é construir uma teoria dos observáveis através da qual possamos teorizar a atividade de linguagem na sua articulação com as línguas e, com isso, explicitar o trabalho subjacente às construções estabilizadas. Ainda que os tradutores não tenham chegado a um ponto ideal (aquele que a cultura entende ser o adequado), entendemos que a busca pela adequação esteve no horizonte de trabalho dos sujeitos no processo de construção dos textos-alvo.

2.1 Em torno da instalação de uma possível categoria: posições contra e a favor

Muitos são os modos pelos quais se procura estudar o que se chama de CR. Confusão, por sinal, é o que parece não faltar quando se trata de CR. Será isso um acaso? As opiniões, por um lado, se contradizem, por outro lado, também se complementam. São inúmeros os trabalhos com interesse na teorização das construções resultativas no português brasileiro (doravante PB). Teorizar a “não existência” não deixa de ser um modo de teorizar aquilo que, de um modo, se quer negar. Inúmeros trabalhos generalizam a aplicação da categoria a um conjunto de línguas românicas, dentre elas o francês, o espanhol, o português e o italiano. Veremos a seguir como esse construto teórico é disputado no âmbito do português brasileiro. Para tanto, selecionamos trabalhos de referência, tais como Lobato (2004), Barbosa (2008), Snyder (2005) e Foltran (1999).

Ribeiro (2015), com base na gramática cognitiva das construções, defende que as línguas românicas apresentam construções do tipo resultativo. Do lado oposto, Snyder (1995) parte da ideia de que a formação de CR só é possível para línguas marcadas positivamente para o Parâmetro Composicionalidade¹⁷. O português, marcado negativamente [-] para esse Parâmetro, fica excluído, portanto, do conjunto das línguas que exibem CR.

¹⁷Consulte-se Snyder (1995) sobre esse Parâmetro. Consulte-se Marcelino (2007) sobre o parâmetro de Composicionalidade em PB.

Marcelino (2014) defende a aplicação da CR ao português com base no argumento de que há verbos que funcionam como núcleo temático e há predicados secundários que codificam o resultado do processo explicitado pelo verbo. Conclusão do autor: a resultatividade em português é expressa através de predicação secundária, e não pelo complemento através de uma de suas partes, como outros pesquisadores têm argumentado.

Enquanto Barbosa (2008) defende que línguas como o PB não seriam capazes de formar CR, sob o argumento de que a fórmula para criar CR no inglês não é compatível com o português, Bertucci (2014) constrói seu argumento, afirmando que as CR da língua portuguesa e da língua inglesa são sintaticamente diferentes, mas semanticamente semelhantes. Em favor ainda da resultatividade na língua portuguesa, Leite (2006) argumenta que, apesar da variação que se observa entre português e inglês quanto às construções, o uso garante compatibilidade entre as duas línguas quanto ao caráter resultativo de tais construções.

A negação ou a afirmação da existência da categoria são modos diferentes de se situar em torno daquilo que sua provável existência ou inexistência coloca. Trata-se de um jogo entre dois polos que se polarizam, mas que também se complementam. Um não existe sem o outro. Assumir o conceito de categoria como recurso explicativo, segundo o qual categorizar é um modo de explicar, não deixa outra possibilidade que não seja a produção de argumentos que sustentem os polos como estão.

2.2 Os argumentos de cada posição: disputa sobre os contornos de uma categoria

Segundo Barbosa (2008, 107), Snyder (1995) considera que “a produtividade é questão central para determinar se uma formação sintática é um produto de uma determinada língua” (BARBOSA, 2008, p. 107) e que, segundo esse critério, Snyder constrói a avaliação de uma língua quanto à existência de CRs. Tanto mais produtiva a construção, mais se admite a aplicação da categoria para a língua. Ao contrário do inglês, que é marcado positivamente para a categoria resultativo, línguas marcadas negativamente quanto ao critério produtividade e recursividade para predicados complexos e para compostos (*worn can* (*minhoca lata) e *the car cleaning cloth drawer* (o/a carro limpar (gerúndio) tecido gaveta)) não terão a aplicação da categoria.

Ribeiro (2015), se coloca contra os estudos translinguísticos baseados em produtividade. Seu argumento é o de que:

o português criou mecanismos para expressar a resultatividade – não pode haver construção causativa, sem que haja uma resultativa que expresse o evento final – e que este mecanismo utiliza, preferencialmente, a forma sintática intransitiva [SN ficar SR], cuja semântica é [X torna-se Y] (RIBEIRO, 2015, p. 95).

Para Ribeiro (2015) essa interface da sintaxe com a semântica substancia duas hipóteses:

– Hipótese principal: Em português, há construções que podem ser consideradas resultativas, ainda que não haja exemplos das resultativas consideradas prototípicas, com forma sintática [SN V SN SR]. – Hipóteses secundárias: a) As construções mais produtivas, quando se trata de expressar resultatividade em português, são as que apresentam a forma sintática [SN V SR], tendo como verbo relacionado o ficar. b) Num contexto mais amplo do discurso, deve haver uma construção a servir de CAUSA ao RESULTADO expresso em construções resultativas do tipo intransitivas (RIBEIRO, 2015, p. 100).

Segundo Ribeiro (2015), a construção mais produtiva no PB é aquela que “apresenta uma construção sintática que expressa uma situação como resultado de outro evento, expresso em outra cláusula”. Considere-se o exemplo do autor:

O vidro da porta estourou e **voou na cara dele (1)**, ele não se machucou seriamente mas **a sua cara ficou cheia de sangue (2)**.(informante 1) (RIBEIRO, 2015, p. 106).

Sua explicação é de que “o evento causador e o evento resultativo são expressos cada um em sua cláusula, podendo-se observar que (1) sinaliza o elemento afetado que, no enunciado 2, passa a ser o sujeito” (RIBEIRO, 2015, p. 106). A conclusão é de que: embora as resultativas do PB sejam diferentes sintaticamente das resultativas apresentadas como prototípicas, “as construções mais frequentes quando se trata de expressar resultatividade em português brasileiro são as que apresentam a forma sintática [SN V SR], tendo como verbo relacionado o ficar” (RIBEIRO, 2015, p. 106).

Os estudos sobre a CR no português tiveram início, segundo Barbosa (2008, p. 54), com Bisol (1972), quando a autora apresentou dados que talvez afirmassem a existência da CR na língua portuguesa:

Desde então, alguns trabalhos sobre o PB debatem a existência das construções resultativas nessa língua, sempre apontando um fato curioso que diferenciam as “resultativas do PB” das demais resultativas: *a produtividade*. Por que, embora alguns dados do PB cheguem a apresentar uma semelhança

sintática e semântica aos dados de línguas como o inglês, sempre há o empecilho da produtividade para que se possa realmente aceitar os dados do PB como equivalentes as resultativas “tradicionais” (BARBOSA, 2008. p. 54).

A “fórmula” para criar uma construção resultativa no inglês não se aplica ao PB (BARBOSA, 2008, p. 130). Uma das explicações para a não existência da construção é que línguas como o português, que possuem a marcação negativa [-] do Parâmetro de Composicionalidade, impedem a formação de predicados complexos resultativos. Para Snyder (1995), o que se pode dizer é que, nas línguas em que os itens lexicais (raízes) que se unem ao verbo, não podem ser marcados com o traço [+ afixal]. Compreende-se, portanto, que o PB “não é permitido que a posição de núcleo verbal seja preenchida por item lexical” (SNYDER, 1995, p.27).

Fato importante a ser observado é: mesmo aqueles pesquisadores que defendem a existência das CR no PB concordam que o português tem uma forte restrição à sua existência. Os predicados secundários, segundo Lobato (2004), são incapazes de modificar as propriedades aspectuais do predicado primário (verbo + objeto). Enquanto, as construções resultativas em línguas como inglês são altamente produtivas, os julgamentos mais recorrentes estão situados em um plano da incompatibilidade das estruturas entre o inglês e o português.

Ao contrário de muitos pesquisadores que discordam da existência das CR no PB, por falta de compatibilidade, Foltran (1999) diz que, as resultativas do PB são formadas por verbos de criação. Lobato (2004) propõe uma reformulação sobre tipos semânticos dos verbos. Para a autora, os verbos fundamentais para a formação das construções resultativas são:

- (i) verbos de criação (criar, construir);
- (ii) verbos de criação com especificação lexical do meio de criação (escrever, desenhar, pintar [no sentido de criar imagem], retratar);
- (iii) verbos de ação sobre objeto preexistente com situação resultante (cortar, costurar, pintar [no sentido de colorir], colocar, arrumar) (LOBATO, 2004, p.155).

Lobato (2004) considera, ainda, que as CR são formadas a partir de dois tipos de predicado: i) processos culminados ou *accomplishments* (eventos que transcorrem num dado

espaço de tempo e têm término definido)¹⁸; ii) culminações ou *achievements*, (eventos que não transcorrem no tempo e têm término definido). Para Lobato (2004):

(i) O evento descrito pelo verbo já é um *accomplishments* mesmo sem a presença do predicado secundário, salvo os casos de verbos inergativos, que a autora diz serem *achievements*; (ii) não há obrigatoriedade de causatividade na sentença; (iii) o licenciamento das construções resultativas é dado pelo grau superlativo do adjetivo; (iv) não há resultativos com verbos inergativos em PB. (BARBOSA, 2008, p. 61).

Com isso, em se tratando de resultatividade, Lobato (2004) admite que o português tem, sim, condições de licenciamento diferentes do inglês, ou melhor, a resultatividade não pode ser construída com verbos inergativos, inacusativos de estado e com alguns verbos causativos. Esses verbos não permitiriam a leitura resultativa de seus predicados secundários. Já os verbos causativos só permitiriam a leitura télica. Nesse caso, a leitura só seria possível com verbos de ação sobre o objeto preexistente com ação resultante ou com verbos de criação de indivíduo com propriedades resultantes que projetam a sentença com interpretação e leitura télica.

São várias as tentativas de codificação sintática da construção resultativa. Ressaltem-se os comentários de Bertucci a propósito das ideias defendidas por Lobato quanto ao confronto daqueles que são a favor com aqueles que são contra tal codificação:

Vamos assumir, com Barbosa (2008), que as sentenças chamadas por Lobato (2004) de resultativas, na verdade, não o são, porque o adjetivo ali presente modifica o estado resultante e não delimita o evento anterior. No entanto, vamos discordar de Barbosa (2008) quando ele afirma não existirem resultativas em PB nem semântica, nem sintaticamente equivalentes às do inglês (BERTUCCI, 2014, p. 634).

Há pelo menos dois motivos para Bertucci discordar de Lobato. O enunciado, por exemplo, “Maria cortou o cabelo curto”, não é assumido Bertucci (2014) como exemplo de CR. Para o autor, primeiro a existência das construções resultativas são construídas por “um PP¹⁹ adjunto nucleado por até”, que tem o papel de delimitador, já que a eventualidade é lida sempre como uma atividade, segundo é que o “adjetivo não informa um estado resultante como no inglês, mas seja um modificador do estado resultante” (BERTUCCI, 2014, p. 641).

¹⁸ Lobato (2004), optou por utilizar a expressão “processo culminado” no lugar de *accomplishment*.

¹⁹ Consulte-se Marcelino (2007) sobre PP adjunto nucleado por até.

Por outro lado, Lobato (2004) aponta três características fundamentais para considerar o exemplo como CR no PB:

- (i) Presença de um predicado secundário²⁰ do objeto;
- (ii) Atribuição de nova propriedade do objeto, por efeito da ação verbal, expresso pelo predicado secundário;
- (iii) Interpretação do evento como *accomplishment* (processo culminado) (BARBOSA, 2008 p.58).

Snyder²¹ (1995) e Barbosa (2008) afirmam que a formação de nomes compostos só é permitida se, na língua em questão, a ocorrência de Construções Resultativas for completamente produtiva. Ademais, esses autores incluem no bojo de suas discussões a produtividade, já que também a consideram essencial para determinar se uma formação sintática é produto de uma determinada língua.

Esses argumentos contrários à existência querem mostrar que “a tradução dessas sentenças para o PB é difícil, e, para transmitir a mesma quantidade de informações que as sentenças do inglês transmitem, são necessárias orações complexas, ou mesmo duas sentenças em PB” (BARBOSA, 2008, p. 19). Lobato (2004) e Barbosa (2008) concordam que existem construções com predicado complexo que não são resultativas. De acordo com Fontanals (2001, p. 83), é bom ter cautela com a ideia de existência das CR em todas as línguas, pois essa afirmação é muito complexa e precisa ser feita com muita clareza. Fica claro nessa disputa pela instalação da categoria o objetivo de classificar em categorias os elementos linguísticos. Para o autor, basta verificar que há certa confusão na definição da existência da CR, quando na verdade não passam de construções “falsas”.

Trabalhos que defendem a introdução das CR no PB afirmam que as CR “consistem em um sintagma Resultativo (SR) situado após o verbo ou imediatamente seguido do objeto” (PAOMANES; OLIVEIRA, 2013, p. 112).

Tomando por base os critérios que fundamentam as pesquisas de Hoeskstra (1988), Marcelino (2000) tem buscado tratar da resultatividade do PB. Tendo por parâmetro os verbos estudados por Hoeskstra (1988), Marcelino (2000) defende que a existência das construções resultativas no PB se dá com algumas restrições. A primeira delas está em considerar o núcleo aspectual, que por sua vez é representado pelo advérbio: “A cozinheira bateu [o bife **bem** batidinho]” (MARCELINO, 2000, p.53). A segunda está em considerar o sufixo que denota o

²⁰ O predicado secundário codifica o resultado do processo explicitado pelo verbo (MARCELINO, 2014).

²¹ Snyder (1995) neste trabalho propõe a criação de um parâmetro que relacione a presença de certo tipo de formação sintática que atuem na realização de um número de determinadas construções sintáticas.

efeito causado no objeto. Considere-se, por exemplo: “Joana picou o [papel bem picadinho]” (MARCELINO, 2000, p.53).

A terceira está em considerar que nos verbos inergativos a resultatividade se expressa através de um PP adjunto, denominado por Marcelino (2000), de *até clause*. Para o autor, há uma oração de adjunto que denota o resultado da ação verbal. Observamos o seguinte exemplo: “Ele andou [até gastar os sapatos]” (MARCELINO, 2000, p.2).

Segundo Marcelino (2000), as resultativas do PB não têm uma estrutura uniforme. Sendo assim, “os verbos inergativos não teriam uma estrutura resultativa, e verbos transitivos poderiam apresentar restrições quanto à seleção de AspP²², licenciador das resultativas em PB”. (BARBOSA, 1999). Em suma, essas construções não seriam licenciadas, portanto, não poderiam ser traduzidas literalmente, ao passo que, para o inglês, a estrutura haveria uniformidade para qualquer tipo de verbo.

Muitas pesquisas têm se dedicado ao que se chama de resultativo. Como se pôde observar nesta seção, há falta de consenso sobre o que se entende por resultatividade e sobre a existência de construções resultativas. Cada pesquisa leva em consideração os critérios que foram estabelecidos pela própria pesquisa. Isso produz dois conjuntos de pesquisadores, a partir dos quais, situamos esta seção.

O primeiro conjunto de pesquisadores tende a tratar as línguas românicas como aquelas que apresentam construções do tipo resultativo. Dentre os pesquisadores que defendem a existência dessa categoria para o português estão Lobato (2004), Foltran (1999), Bertucci (2014), Marcelino (2000) e Paomanes e Oliveira (2013). Da maneira como Lobato (2004) entende a resultatividade, a leitura das CR só é possível com verbos de ação sobre o objeto preexistente com ação resultante ou com verbos de criação de indivíduo com propriedades resultantes que projetam a sentença com interpretação a leitura télica. Foltran (1999), por exemplo, entende que CRs do PB são formadas por verbos de criação. As CRs “consistem em um sintagma Resultativo (SR) situado após o verbo ou imediatamente seguido do objeto” (PAOMANES, e OLIVEIRA, 2013, p. 112).

Outro conjunto de pesquisadores defende que línguas como o PB não seriam capazes de formar CR. Dentre esses pesquisadores, incluem-se Snyder (2005) e Barbosa (2008). Snyder (2005) compreende que a formação CR só é possível para línguas marcadas positivamente para o Parâmetro Composicionalidade. O português, marcado negativamente para esse Parâmetro, portanto, fica excluído do conjunto das línguas que exibem CR. Barbosa

²² Consulte-se Marcelino (2007) sobre AspP.

defende a sua posição “mesmo nos casos em que os dados do Português Brasileiro PB parecem ir contra nossa hipótese, seguiremos dizendo que não existe construção em PB que seja equivalente à construção resultativas do inglês” (BARBOSA, 2008, p. 107).

A reflexão linguística na qual nos apoiamos abandona a discussão seja da “existência” seja da “não existência” das construções resultativas no português brasileiro e tenta mostrar de um ângulo diferente, talvez seja muito mais ou muito menos complexo do que isso. Mas que levará a pesquisa a estudar o movimento (do processo cognitivo) na construção da unidade significativa, na produção e no reconhecimento de enunciados, no momento singular da interação verbal. Tal perspectiva leva à compreensão dos princípios que regulam a variação nos textos-alvo.

Muito comum observar inúmeras polarizações em uma sociedade que se nutre a partir delas. Constatamos que as opiniões divergem quando o assunto é CR, ou seja, a confusão é reinante entre esses projetos teóricos que têm o conceito de categoria. No campo da tradução, a situação não é muito diferente. Quando se trata desse fenômeno, não faltam má compreensão e opiniões distintas. Vários pesquisadores (por exemplo, Ottoni, 2005; Arrojo, 2007; Mittmann, 2003; Catford, 1965; Nida, 1975; Specia; Rino, 2002; Campos, 1986; Othero 2006) descrevem uma multiplicidade desse fenômeno, frequentemente agrupados sob os temas que incluem: “o que se entende por tradução”, “o que se entende por tradutor”, “a relação entre tradutor e o texto” e “o papel do tradutor na sociedade e na cultura”. Para maior clareza, vejamos essas e outras temáticas na próxima seção.

3 PERSPECTIVAS DE ESTUDO DA TRADUÇÃO

A partir dos anos 60, os estudos da tradução foram impulsionados pelos estudos da linguagem. O aporte de contribuições teóricas da linguagem contribuiu para a diversificação dos estudos da tradução. Intensificou-se o estudo de alguns temas que, por isso, ganharam centralidade nos estudos da tradução. Esses temas incluem: “o que se entende por tradução”, “o que se entende por tradutor”, “a relação entre tradutor e o texto” e “o papel do tradutor na sociedade e na cultura”.

Essas temas, no entanto, são sintomáticos de uma concepção de ciência, de relações humanas e de valores que se definem de um certo modo, ainda que isso não esteja explícito nas fontes a que recorremos para a elaboração dessa seção. Também não é nosso objetivo a investigação epistemológica desses temas. Deixaremos isso para trabalhos futuros. Nosso objetivo é mais modesto, nesta seção. Esses temas são a “ponta do *iceberg*”, ou a superfície de questões mais profundas que transcendem os limites de uma dissertação. É uma síntese dessa superfície que apresentaremos nesta seção. Nessa superfície, observaremos polarizações, polêmicas e disputas.

A Torre de Babel é um mito recorrente nos trabalhos que teorizam a tradução para ilustrar a incompreensão dos homens uns em relação aos outros em razão das muitas línguas faladas entre eles. Semelhante incompreensão também se pode observar entre teóricos da tradução. Será que o mito ilustra a incompreensão que se quer produzir ou ilustra o resultado da má compreensão?

Há um conjunto de pesquisadores para os quais a tradução é tomada como um “acontecimento” histórico (OTTONI, 2005; ARROJO, 2007), e não como um “modelo” de tradução. Esses pesquisadores recusam o conceito de “modelo”, operatório não só para a ciência moderna, mas também pela linguística moderna, na definição da *língua* enquanto sistema autônomo (SAUSSURE, 2010). Desse ponto de vista, a relação entre dois textos, sendo um o texto-fonte e o outro, o texto-alvo, não pode ser entendida como

uma relação que envolve duas línguas distintas, mas um acontecimento que evidencia que há sistemas linguísticos que comportam em si várias línguas. Quero dizer que não vou privilegiar a diferença institucional prevista para as línguas, ou seja, uma oposição, um antagonismo entre duas línguas envolvidas na tradução, mas sim suas semelhanças e suas proximidades. A tradução é um acontecimento que deflagra a língua e as várias línguas presentes num mesmo sistema linguístico (OTTONI, 2005, p. 49).

Desse ponto de vista, teorizar esse acontecimento implica relacionar a língua com outros domínios, tais como o social e o cultural. Argumenta-se que cada tradução “exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e duas culturas diferentes, e esse confronto é sempre único, já que suas variáveis são imprevisíveis” (ARROJO, 2007, p.78).

É da observação da prática de tradução no meio social e cultural que se espera poder tirar alguma conclusão sobre o que é a tradução. Desse ponto de vista, o mais importante não é partir de uma definição do que venha a ser a tradução, o modo como estiver sendo praticada. Para esses pesquisadores não é apenas a prática da tradução que “diz” como a tradução quer ser compreendida, mas também a prática teórica sobre a tradução “diz” como a tradução é compreendida.

Para esse conjunto de pesquisadores, “a tradução é uma atividade essencialmente produtora de significados” (ARROJO, 2007, p.76) e o tradutor é um sujeito ativo nesse processo. Segundo Mittmann, “o tradutor tem um papel ativo e responsável sobre a tradução, que é um ato de transformação e de produção” (MITTMANN, 2003, p. 34). Desse ponto de vista, assim como o tradutor, a comunidade de leitores terá papel ativo no processo interpretativo do texto traduzido. A aceitabilidade do texto pela comunidade é tida como um fator que contribui para a determinação do valor do texto (ARROJO, 2007).

O tradutor terá de se apropriar dos valores do texto-fonte e, nesse processo, haverá valores residuais que ficarão por serem traduzidos. Nesse caso, resta ao tradutor aprender a lidar com a angústia de não se apropriar de modo absoluto dos valores do texto-fonte.

Se para aquele ponto de vista o conceito de “modelo” não é operatório, há um outro conjunto de pesquisadores cujo trabalho se fundamenta sobre esse conceito. São tributários desse conceito os modelos de língua usualmente conhecidos como “sistemas linguísticos”. Assumir que uma língua é um sistema implica também assumir que as línguas são objetos estáticos, tais como um código.

É tributária dessa concepção estática de língua a compreensão de que “a tradução é a substituição do material textual de uma língua pelo material textual equivalente em outra língua” (CATFORD, 1965) e de que o tradutor é mero instrumento de transporte de sentidos estáveis. Traduzir, nesse caso, equivale a reproduzir o original em outro código. Desse ponto de vista, a subjetividade, mas não só ela, será “um empecilho para a tradução ideal” (MITTMANN, 2003, p. 22). Outro empecilho será a variação na superfície da língua em razão da sua instanciação em situações particulares de discurso. A interferência do sujeito no

conteúdo a ser traduzido é tratada como “perda” desse ponto de vista (THEODOR, 1983). Esse cenário contribui para a formulação de algumas imposições ao tradutor e ao seu trabalho. Elas se resumem no seguinte: não se admite: a) que tenham visibilidade o trabalho de tradução e o sujeito que traduz; b) que o tradutor não se aproprie dos valores do texto-fonte de modo absoluto; c) que existam valores residuais a serem traduzidos.

Desse ponto de vista, a sequência de palavras de um texto é comparável a uma fileira de vagões de transporte de carga, podendo a carga ser distribuída de maneira irregular entres os diversos vagões. Com efeito, se espera que alguns vagões tenham mais cargas do que outros ou que uma determinada quantidade de carga possa ser dividida de modo mais igualitário entre os vários vagões. A transposição dessa ilustração para o domínio linguístico é a seguinte: *algumas palavras expressam vários conceitos, enquanto outras só o fazem se se juntarem a outras palavras*. Para esse ponto de vista interessa que os vagões alcancem seu destino, e não a disposição dos vagões ou o modo como a carga está distribuída nos vagões (CATFORD, 1965; NIDA, 1975). Quando transposto para o domínio da tradução, esse ponto de vista sobre as palavras de uma língua traz consigo uma concepção de valor segundo a qual importa que “os componentes significativos do original alcancem a língua-alvo, de tal forma que possam ser usados pelos receptores” (NIDA, 1975 apud, ARROJO, 2007, p. 12).

Esse ponto de vista se beneficiou dos avanços da informática na década de 50 do século passado. Quando do surgimento dos primeiros sistemas computacionais, logo se acreditou na possibilidade de que a máquina substituiria o homem na atividade de traduzir. À máquina caberia não só simular a distribuição de significado entre as palavras de uma língua, mas também simular a transposição dos significados das palavras de uma língua para as palavras de outra língua. O raciocínio de que traduzir equivale a distribuir significado entre palavras, tal como se distribui carga entre vagões, entusiasmou tanto quanto frustrou inúmeros pesquisadores. Com o avanço das pesquisas, os experimentos voltados ao processamento de textos pela máquina logo mostraram seus limites, seja do ponto de vista técnico-científico seja do ponto de vista estilístico e artístico (SPECIA; RINO, 2002; CAMPOS, 1986). Segundo OTHERO (2006),

Até hoje, no entanto, não há disponível no mercado algum programa que seja realmente eficiente, que consiga traduzir um texto do inglês para o português, por exemplo, de maneira tão exata quanto um tradutor humano conseguiria. Isso se deve à complexidade e riqueza das línguas humanas, que relutam em se entregar à formalização do computador (OTHERO, 2006, p. 349).

Em outro contexto, os limites do raciocínio baseado na distribuição de carga ou de significado já havia se colocado para o tradutor. O personagem Pierre Menard do conto *Pierre Menard, autor de Quixote*, de Jorge Luiz Borges, é ilustrativo não só do conceito de “tradutor fiel”, mas, o que é mais importante, da concepção de que o significado é constante. O conceito de “tradutor fiel”, ainda que esteja colocado na superfície das discussões, é secundário e derivado “dessa vertente [...] como aquele que consegue transferir ou transportar o conteúdo de um texto de uma língua para outra sem interferir nesse conteúdo” (PRIA, 2014, p. 112). Subjacente ao conceito de “tradutor fiel” estão, e isso é o principal: a separação entre conteúdo e expressão, com a precedência e a independência do primeiro em relação ao segundo, e o caráter universal do significado.

Um outro conjunto de pesquisadores tem avançado algumas hipóteses que articulam o domínio da tradução com o projeto teórico da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Para esses pesquisadores, “a tradução é um caso particular de paráfrase” (CULIOLI, 1976, p. 29) e o tradutor é aquele que controla os processos de derivação de enunciados no processo de tradução (BIASOTTO, 2010). Nesse sentido, “a prática do tradutor traz similitudes com o trabalho metalinguístico realizado pelo linguista em suas análises textuais” (BIASOTTO, 2010, p. 51). Os conceitos de “tradução” e de “tradutor” estão, portanto, relacionados aos conceitos de “paráfrase”²³ e de “trabalho metalinguístico”²⁴ nesse domínio.

Teorizar a paráfrase implica assumir a impossibilidade da identidade semântica absoluta do texto-fonte com o texto-alvo (BIASOTTO, 2010; PRIA, 2014). Com efeito, o dilema construído em torno da identidade semântica absoluta dá lugar a uma teoria dos observáveis fundamentada no trabalho epilinguístico e metalinguístico, tal como estão definidos pelos trabalhos de Culioli (1990, 1999a, 1999b). Enquanto a atividade epilinguística é entendida como uma atividade metalinguística não consciente (CULIOLI 1999a) “e se verifica na reflexão inconsciente dos sujeitos sobre sua própria atividade de linguagem” (PRIA, 2009, p. 27), a atividade metalinguística é uma atividade consciente que envolve a apropriação dos mecanismos cognitivos que estão subjacentes à atividade epilinguística do sujeito. A “*paráfrase* refere-se a uma atividade regulada, controlada” (PRIA, 2009, p. 18 – grifo do autor), da qual o tradutor terá de se apropriar.

²³ Fuchs (1982) é uma obra de referência para a compreensão do conceito de “paráfrase”.

²⁴ Através dessa atividade metalinguística o sujeito busca se apropriar não só dos mecanismos de derivação de enunciados potenciais, mas também dos mecanismos enunciativos que visam à adequação dos enunciados potenciais a situações particulares de enunciação.

Considere-se a possibilidade de que o autor do texto-fonte e o tradutor do texto-alvo tenham partido de um mesmo conteúdo de pensamento²⁵, nada garante que a imersão desse conteúdo por sujeitos diferentes em situações de enunciação também diferentes resultará uma mesma modulação (BIASOTTO, 2010). “Se alguma identificação [do texto-alvo com o texto-fonte] for alcançada, terá sido o resultado da atividade epilinguística dos sujeitos. No caso de tradutores profissionais, terá sido o resultado também da atividade metalinguística desses sujeitos” (PRIA, 2014, p. 115).

Desse ponto de vista, não só “é inevitável a interferência por parte do tradutor” (BIASOTTO, 2010, p. 44), mas é necessário se chegar a produzir ou reconhecer representações interpretáveis em situações particulares de enunciação (PRIA, 2014). No entanto, “uma tentativa de compreender o que o outro quis significar” (BIASOTTO, 2010, p. 47), não traz consigo “a garantia de que se vai ter êxito” (BIASOTTO, 2010, p. 47). De princípio não há garantia de que se vai derivar do texto-fonte uma correspondência na língua-alvo que possa ser tomada como equivalente àquela do texto-fonte. É “ilusório”, conforme afirma Biasotto (2010, p. 48), acreditar que qualquer sujeito em qualquer tempo e espaço vá chegar ao mesmo resultado, entendido como identificação semântica absoluta do texto-fonte com o texto-alvo.

Segundo Pria (2014), estão subjacentes à identificação semântica absoluta: primeiro, a idealização do caráter universal do conteúdo independente da expressão e, segundo, a idealização do sujeito e da situação de enunciação em relação ao conteúdo. Por fim, o pesquisador conclui que essas idealizações produzem, dentre outras, uma concepção estereotipada da tradução e do tradutor. Seguindo o raciocínio de Romero-Lopes (2006), Biasotto (2010) afirma que “uma expressão linguística (seja ela lexical, gramatical ou discursiva) não traz em si um conteúdo inerente e muito menos estável [absoluto], mas é de natureza variável, maleável, e se define pela função que adquire nas interações das quais participa, isto é, só adquire valores quando contextualizada, quando em funcionamento” (BIASOTTO, 2010, p. 44). Desse ponto de vista, não é pertinente tratar a relação entre os textos-fonte-e-alvo em termos de identificação ou não identificação absoluta. Tratar essa relação em termos de semelhança, de proximidade e de equivalência possibilita abranger a maleabilidade e a flexibilidade da linguagem dentro de uma problemática que

é a diversidade de julgamentos que os linguistas e que os vários sujeitos fazem sobre o conteúdo dos textos-origem e dos textos-traduzidos enquanto

²⁵ Culioli (1990, 1999a, 1999b) denomina *léxis* esse núcleo semântico de derivação de enunciados potenciais.

manifestações textuais em uma língua dada e a possibilidade de que um mesmo conteúdo ou vários conteúdos distintos possam ser configurados de modos distintos em uma mesma língua ou em várias línguas (PRIA, 2014, p. 116).

No entanto, a também não se encerra em termos de semelhança, de proximidade e de equivalência.

Não se pode falar que um enunciado traduz outro ou que há equivalência simplesmente por se ter o sentimento de que eles dizem aproximadamente a mesma coisa. É preciso mostrar, por manipulações, que se tem um número de operações que fazem com que esses enunciados possam ser considerados equivalentes (BIASOTTO, 2010, p. 51).

As análises da próxima seção são o resultado do nosso esforço de apropriação dos mecanismos que estão subjacentes a um conjunto de enunciados. Buscamos explicitar esse processo de apropriação através da construção de representações metalinguísticas.

Antes de encerrar esta seção apresentaremos algumas considerações finais baseadas na experiência construída em razão da realização deste trabalho.

O tradutor, “seja qual for sua atitude, estará sempre sujeito a críticas” (GUEDES, 2010, p. 14). Elas serão variáveis a depender de vários fatores que lhe dão sustentação, tais como o conceito de tradutor, de tradução, de língua, de linguagem e de sociedade. Há sociedades que em detrimento do trabalho do tradutor, supervalorizam o seu resultado; outras subestimam os resultados em razão da supervalorização do processo de produção. A “perfeição” da tradução é tão idealizada quanto a impossibilidade da tradução justificada pela ausência de perfeição em muitos textos resultantes dessa atividade ao longo da história.

Há ainda quem entenda que a tradução, em razão das habilidades que exige, é um domínio elitizado e restrito a poucos, tal é o ponto de vista de Berinson. Segundo ele,

engana-se quem julga que a tradução é tarefa para todos. Tradução é esforço. É trabalho duro. Tradução é arte. Não se trata simplesmente de transpor palavras da língua de origem para a língua de destino. Este é apenas o pontapé inicial. Porque cada língua é única e tem as suas maneiras próprias de expressão (BERINSON, 2012, p.1).

Além do conhecimento técnico exigido do tradutor, algum grau de criatividade também lhe será exigido para dar solução a dificuldades colocadas à técnica. Algumas dessas soluções são já conhecidas dos tradutores, dentre elas “desenvolver ideias presentes no texto de partida, explicá-las em notas, criar neologismos ou manter o original, recorrendo a

empréstimos e decalques” (GUEDES, 2010, p 14). Mesmo que se idealize o conteúdo como estável e fora da interferência subjetiva, isso se desfaz quando se convoca a “criatividade” (notadamente subjetiva) para dar solução às dificuldades técnicas.

A tradução transcende as tendências mais conservadoras e estabilizadas ou mais de vanguarda e mais flexíveis da sociedade. A tradução parece contrariar essas tendências, pois o tradutor terá de “se libertar de sua língua materna, sair dela e a ela retornar” (OTTONI, 2005, p. 27-28) e isso, por si, é tão vanguarda quanto conservador.

O trabalho do tradutor é tanto responsável quanto irresponsável. É responsável “perante o texto (e o autor) que traduz e perante o público para quem traduz” (ARROJO, 2007, p. 77-78). No entanto, enquanto exercício de uma prática, sua responsabilidade, se é que se pode dizer desse modo, é apenas com a exercitação das suas habilidades.

Essa seção reúne três conjuntos de pesquisadores que tratam de tradução sob diferentes perspectivas, ou seja, cada um com sua especificidade, por exemplo: o primeiro conjunto de pesquisadores defende que a tradução é tomada como um “acontecimento histórico”. O segundo conjunto de pesquisadores tende a tratar o conceito de tradução como modelo. São tributários desse conceito os modelos de língua usualmente conhecidos como “sistemas linguísticos”. Há um outro conjunto de pesquisadores, no qual nos incluímos, que compreende que “a tradução é um caso particular de paráfrase” (CULIOLI, 1976, p. 29). Partiremos a seguir, para nossas análises de ocorrências de tradução de *John swept the house clean*, tais como *John varreu bem limpa a casa*; *John varreu a casa até ficar limpa*; *John ficou varrendo a casa até conseguiu limpá-la bem*.

4 ANÁLISE

Introdução

Para constituição do *corpus* de pesquisa, selecionamos seis enunciados, todos coletados da bibliografia que trata da resultatividade enquanto categoria gramatical e da sua aplicação à língua portuguesa, uma vez que a categoria é amplamente aceita para a língua inglesa²⁶. São eles: *John swept the house clean, She laughed him out of his patience, My mistress grumbled herself calm, John washed the soap out his eyes, The clock ticked the baby awake e John painted the house yellow*. A escolha dessas construções não foi aleatória. É amplamente reiterada a dificuldade de traduzir tais construções para a língua portuguesa, mantendo-se o paralelismo sintático e semântico com o original em inglês. Nesse sentido, consideramos que tais construções eram pertinentes aos objetivos deste trabalho, nem tanto pela polêmica em termo da categoria resultatividade, mas principalmente quanto à atividade de tradução.

Nosso interesse pela tradução é observar o processo, ou seja, a busca do tradutor pela melhor adequação do enunciado. Para tanto, enviamos um formulário via e-mail a vários conhecidos²⁷ nossos que sabíamos ter algum domínio da língua inglesa. A nossa hipótese inicial é a de que esse tipo de construção coloca obstáculos aos tradutores, até mesmo aqueles mais experientes. Na seção II desta dissertação, encontra-se uma síntese de quais são esses obstáculos.

O desafio é constante quando se trata da atividade de tradução. Quando se trata de traduzir para a língua portuguesa aquelas cinco construções, o que se coloca em questão são aqueles quatro fatores já explicitados por Rezende (2010, p. 77) quando se tem a atividade de linguagem apreendida através das línguas naturais. São eles: a acuidade perceptiva, o autoconhecimento, o amadurecimento cultural e a habilidade expressiva (REZENDE, 2010, p. 77).

Observamos que os enunciados apresentam semelhanças de superfície. Consideremos, por exemplo, algumas das traduções de *She laughed him out of his patience*, tais como *Ela riu*

²⁶ Consulte-se a seção II deste trabalho sobre as polêmicas acerca das construções resultativas no português brasileiro.

²⁷ O perfil dos nossos colaboradores inclui docentes, discentes, ex-docentes e ex-discentes de cursos de língua inglesa em vários níveis de proficiência.

dele até ele perder a paciência, Ela riu dele até ele esgotar a paciência, Ela riu dele até que ele perdesse a paciência e Ela riu dele até acabar a paciência dele. Sublinhamos apenas aquilo que variou na superfície das sequências textuais. Como se pode observar, a maior parte dos termos se mantém de uma sequência para outra. Além disso, observamos a presença reiterada de algumas marcas nas traduções, independentemente de qual fosse o texto-origem, tal como é o caso *até*. Consideremos a tradução de cada um dos nossos cinco enunciados de partida, tais como: *John varreu a casa até ficar limpa, Ela riu até tirar a paciência, Minha patroa reclamou até acalmar, João lavou até tirar o sabão de seus olhos e O relógio tocou até acordar o bebê.* Observe-se que *até* é um termo constitutivo de cada um dos textos-alvo. Por isso, acreditamos que *até* seja marca de operações enunciativas que estão subjacentes às construções em questão. Contudo, não se observa na superfície dos cinco enunciados de partida algum termo que seja correspondente a *até*.

Ajustamos o tempo disponível para o desenvolvimento desta pesquisa à análise de traduções de apenas uma daquelas cinco construções. Portanto, analisaremos apenas três construções, isto é, *John varreu bem limpa a casa, John varreu a casa até ficar limpa e John ficou varrendo até conseguiu limpá-la bem*, todas traduções de uma mesma construção de partida: *John swept the house clean.* Ademais, entendemos que com a análise dessas construções nos será possível explicitar o trabalho dos sujeitos na estabilização da representação linguística.

Esta seção está subdividida em três subseções. Na primeira analisamos *John varreu bem limpa a casa*, na segunda analisamos *John varreu a casa até ficar limpa* e, na terceira, analisamos *John ficou varrendo até conseguiu limpá-la bem*.

4.1 Enunciado: 1

John varreu bem limpa a casa.

Na leitura desse enunciado, observamos a presença de dois termos: *bem* e *limpa*. Ambos os termos marcam a busca pela estabilização do enunciado, até o ponto que o sujeito considera mais adequado para uma dada situação de enunciação. Consideremos o termo *bem* como marca de modalidade intersubjetiva. Essa modalidade nos ajuda a observar uma relação que se estabelecem entre os sujeitos (enunciador e coenunciador). Para alguns casos, esse tipo de modalidade é instituído por meio de um valor de vontade. Em outras palavras, *bem* corrobora para a apreciação subjetiva do modo de ser *limpa* da representação casa.

Sob um ponto de vista enunciativo, o termo contribui para desfazer a ambiguidade entre o ato e o efeito. Podemos glosar, ou seja, manipular a construção da significação do ato da seguinte maneira: *John varre a casa*, o que se sabe é que *John* varre, ou seja, estabiliza uma atividade que é realizada por *John*. Essa atividade realizada por *John*, que é suficiente para dar existência a um efeito, podemos glosar da seguinte forma: *John varreu a casa e como ela ficou limpa*. Algumas marcas de asserção são suficientes para a estabilização do efeito de como a casa ficou limpa depois que John a varreu. Constrói-se a apreciação subjetiva sobre aquilo que está sendo dito, através de marcas subjetivas de um sujeito enunciador. Cada sujeito, com seu modo particular de experienciar o mundo físico e mental, constrói representações mentais daquilo que é experienciado.

Consideremos agora o termo *limpa*, que, no enunciado, está orientado ao reforço de que *John varre a casa* não é uma representação que estabiliza de modo suficiente que uma dada ocorrência de *casa* venha a ser uma ocorrência atual de *casa*, dado que não se encontra nessa ocorrência a propriedade *limpa*, comum a ocorrências de *casa* na experiência do sujeito enunciador. O termo *limpa* marca que a ocorrência atual de *casa* não se encontra tal como o sujeito enunciador espera que uma ocorrência de *casa* deva ser. Assim, através de *limpa*, o sujeito enunciador procura construir uma representação de *casa* que venha a ser (existir) tal como o sujeito enunciador espera que ela exista.

Limpa é uma propriedade de casa (no preconstituído ser casa é ser *limpa*). No entanto, a atribuição de *limpa* precisou ser explicitada no enunciado, isto é, uma propriedade primitiva de casa teve de ser novamente predicada de uma ocorrência atual de *casa*, visto o sujeito enunciador não ter encontrado tal propriedade na ocorrência atual em questão. O enunciado *John varreu bem limpa a casa* nos direciona para a seguinte interpretação: *Está bem limpa como tem que ser, Está como tem que estar*. A intenção do sujeito enunciador é estabilizar a representação, favorecendo o modo de ser *limpa* de uma dada ocorrência de *a casa de John*.

Agora, *bem* e *limpa*, juntos, ressaltam ainda mais a inadequação observada pelo enunciador. Não só se observa uma ocorrência atual de *casa* que tem a propriedade *ser limpa* em falta, como também essa inadequação é ressaltada pela presença do adjetivo *limpa* no enunciado. Com efeito, o sujeito enunciador estabiliza o enunciado, sustentando que tenha havido um ato de varrer por alguém que varre alguma coisa bem limpa. A marca *bem limpa* é que estabiliza a representação em um ponto mais estável, situado pelo enunciador (os enunciados trazem marcas que remetem a esses ajustamentos).

Podemos ter traduções como *John varreu a casa*, se essa for a melhor estabilização possível encontrada pelo sujeito enunciador. No entanto, talvez o sujeito não fique satisfeito

com essa representação, se ele considerar que não atingiu o ponto que pretendia alcançar para a estabilização da representação. Com isso não é nossa intenção dizer que o sujeito não conseguiu estabilizar nenhuma representação. O que terá acontecido é na verdade uma estabilização de um modo diferente do previsto pelo sujeito.

Para abordar os mecanismos pertinentes à construção de uma ocorrência, consideramos relevante abordar as dimensões quantitativa e qualitativa ponderadas pelo sujeito enunciador no processo constitutivo do enunciado. Para falarmos dessas dimensões, recorreremos a Gilbert²⁸. Assim, partimos dessa segunda dimensão qualitativa para compreender o funcionamento linguístico em que o sujeito avalia o modo de *ser limpa da casa de John* em diferentes tempos/espacos da perspectiva de um mesmo sujeito.

Através da delimitação quantitativa, observamos a extração de uma ocorrência da noção /casa/ e da delimitação de uma ocorrência de *casa* no tempo e no espaço para um dado sujeito. Temos, aqui, uma ocorrência que fora devidamente situada e singularizada enunciativamente. Podemos glosar essa delimitação, por exemplo, como “(Eu (sujeito enunciador) digo:) *John* tem (dentre outras coisas) alguma coisa que eu chamo de casa”. Através dessa operação se traz à existência uma ocorrência da noção /casa/ que será então avaliada qualitativamente.

O artigo *a* marca a retomada dessa ocorrência que é situada em relação à situação enunciativa. Numa relação de diálogo, esse determinante é marca da retomada pelo sujeito enunciador de representações construídas e que se encontram relativamente estabilizadas em outras situações enunciativas que constituem a memória experiencial do sujeito enunciador. As operações são responsáveis por estabelecer os acontecimentos, ou seja, ajustar as relações que são construídas e reconstruídas numa dada situação enunciativa.

No que diz respeito à dimensão qualitativa, podemos ter um mesmo sujeito (sujeito enunciador) que observa várias ocorrências do mesmo tipo de ocorrência de *a casa de John*. Vejamos com mais detalhes a estabilização da existência da ocorrência de *a casa de John* por meio dos seguintes exemplos:

²⁸ A primeira constrói a ancoragem situacional da ocorrência, é há, portanto, traço da sua manifestação, sua existência (real ou imaginária). A segunda constrói sua estruturação subjetiva. Essa estruturação consiste na avaliação de uma ocorrência em relação a um protótipo, ou seja, distingue-se um tipo de ocorrência de outro tipo. Uma segunda dimensão qualitativa será pertinente na construção de uma ocorrência. Essa dimensão, ao invés de distinguir um tipo de ocorrência de uma ocorrência de outro tipo, distingue uma ocorrência de certo tipo de uma ocorrência do mesmo tipo. Assim, se a primeira dimensão qualitativa é característica da identificação de ocorrência, já que é “por identificação, [que] o sujeito estabelece que uma ocorrência *a* é uma ocorrência da noção *A*” (CULIOLI, 1990, p. 96), a segunda dimensão coloca em questão a diferenciação de ocorrências possíveis e imagináveis umas em relação às outras, no interior do domínio nocional (GILBERT, 1999, p. 1).

No ano passado John varreu bem limpa a sua casa.

No mês passado John varreu bem limpa a sua casa.

Na semana passada John varreu bem limpa a sua casa.

Hoje John varreu bem limpa a sua casa.

Nesses exemplos, temos a reiteração de um mesmo tipo de ocorrência de *a casa de John*, ou seja, um mesmo sujeito observa mais de uma vez o mesmo tipo de ocorrência de *a casa de John* e, ao invés de discernir se se trata da mesma ocorrência (*a casa de John*; *a mesma casa de John*; *ainda a mesma casa de John*) ou de ocorrências distintas (*uma casa de John*; *outra casa de John*; *ainda outra casa de John*), o que importa é discernir que a casa de John ainda é a casa de John, seja uma mesma ocorrência ou outra ocorrência. O sujeito avalia as ocorrências quanto ao seu modo de ser, ou melhor, quanto ao modo de *ser limpa* de *a casa de John* em diferentes tempos sucessivos. Afinal, o que está em questão é se *ser limpa* é uma propriedade de uma ocorrência singular de *a casa de John* numa dada situação de enunciação. Ressalte-se que ainda que não se encontre a propriedade *ser limpa* em uma dada ocorrência de *a casa de John*, nesse caso, é possível atribuir à propriedade *ser suja* à representação. Essa polarização construída culturalmente entre *ser limpa* e *ser suja* é apenas um dos modos de trabalhar universos de valores possíveis para a estabilização da representação, conforme afirma Pria (2009). Nesse caso, especificamente, um modo de *trabalhar universos restritos de valores* (PRIA, 2009, p. 63).

Bem limpa corrobora a validação da modalidade apreciativa do sujeito enunciador e, nesse caso, instaura-se uma estabilidade que diz respeito à experiência desse sujeito com casas. Sendo essa apreciação de natureza qualitativa e, estando ela centrada no sujeito enunciador, deve ser entendida como manifestação no enunciado de julgamentos que dizem respeito à satisfação ou insatisfação do enunciador e ao seu modo de ser favorável ou desfavorável à estabilização possível do enunciado.

O enunciado traz marcas da trajetória de equilibração que se inicia na experiência (memória) do sujeito enunciador (pré-construto) quanto a um certo modo de ser de casas que são conhecidas do sujeito enunciador, isto é, ocorrências para as quais tenha sido atribuída a propriedade *ser limpa*. A representação passa por instabilidade (um outro modo de ser de casa), quando *John* encontra a alteridade, *ser quase limpa*, *ser quase suja*, *ser suja* ou *ser limpa*, e se estabiliza na experiência do sujeito enunciador (enunciado), que formata de um certo modo possível a representação, isto é, *ser bem limpa* é o modo como se estabiliza uma

ocorrência atual de casa no enunciado. O enunciado traz marcas desse cálculo que foi feito na trajetória do sujeito enunciador em busca da melhor estabilização possível para a representação diante da alteridade. A estabilização *John varreu bem limpa a casa* é apreendida pelo sujeito enunciador como uma ocorrência de casa que se observou varrida e, portanto, que se encontrou como se esperava que ela fosse. Se, por um lado, temos casa varrida como tem que ser, por outro lado, se não fosse pela marca *bem limpa*, logo não se estaria diante de uma ocorrência que é como tem que ser. Logo, seriam necessários ajustamentos quanto ao modo de ser da representação.

Para o enunciado em questão, *bem limpa* é marca de que o sujeito encontrou obstáculos no processo de construção da representação, obstáculos que colocaram resistência à estabilização da representação. Podemos ter contextos anteriores à situação enunciativa que podem ter interferido na estabilização de *John varre bem limpa (como ninguém) a casa*.

Mas hoje ele estava com preguiça;

Estava muito cansado;

Ele está doente;

Porque está triste;

Está com a casa cheia de visitas;

Ele não quer fazer isso, porque quer fazer outra coisa;

Note-se que há um esforço do sujeito enunciador, que antecipa possíveis questionamentos do interlocutor acerca do modo de ser *limpa* de *a casa de John* e, por isso, *bem limpa* aparece no enunciado, como resultado dessa avaliação. Se voltarmos ao último enunciado do nosso exemplo, *Ele não quer fazer isso, porque quer fazer outra coisa*, podemos ter, ainda, que *Ele não quer fazer isso e nem outra coisa*, *Ele não quer fazer nada*. No entanto, mesmo não querendo fazer isso e nem outra coisa, ele ainda o fez. “É essa dinâmica entre o externo (contexto) e o interno da língua (a articulação entre os termos) que gera sentidos mais estáveis” (CUMPRI, 2013, p. 193).

Deve haver contextos anteriores ao da enunciação para os quais há um modo de *ser limpa* que ainda não é modo de *ser limpa* mais adequado para o contexto atual. Desse modo, o sujeito começa a manusear de tal forma o enunciado a ponto de se manifestar no enunciado a marca do seu trabalho de ajustamentos. É assim que *bem limpa* aparece no enunciado. A ocorrência atual de *casa* ainda não é como uma ocorrência conhecida de *casa* para o sujeito

enunciador. Logo, se as propriedades capazes de estabilizar a representação já estivessem dadas, não seria preciso todo esse trabalho de manuseio e de ajustamentos.

4.2 Enunciado: 2

John varreu a casa até ficar limpa.

Até e ficar são dois termos cujas presenças contribuem para a leitura desse enunciado. Sua presença se deve à busca do sujeito enunciador pela estabilização do enunciado, isto é, a busca do enunciador pela estabilização do enunciado num ponto que considera o mais adequado possível para uma dada situação de enunciação. *A instabilidade provoca a busca de uma saída que fornecerá a indispensável estabilização* (CULIOLI, 1990, p. 94).

Todos os textos-alvo resultantes da atividade de tradução dos nossos colaboradores trazem marcas de asserção que de algum modo desfazem a oscilação de valores observados pelos sujeitos na construção de partida na língua-origem. O sujeito enunciador passa a buscar caminhos de acesso para a estabilização da representação e o enunciado traz marcas desse caminho, ou seja, elas são *vestígios formais das operações às quais não temos acesso direto* (CULIOLI, 1999).

O termo *até* aparece no enunciado para marcar que, num dado momento (um tempo T_y), *John* começou a varrer a casa e continua varrendo até que, num tempo T_x posterior a T_y , alcance o estado resultante de (casa varrida = casa limpa). Em razão mesmo da reiterada manutenção da ação de *John* na origem do processo varrer se obtém como estado resultante ainda que tenha havido – e por certo houve, porque *limpa* é marca de que tenha havido – obstáculos ao processo *varrer a casa*. Que a ocorrência de casa em questão não se encontra de um certo modo (visado pelo sujeito enunciador) é um pré-construto para o enunciado. *Ser limpa* é um propriedade que o sujeito enunciador espera encontrar em ocorrências de casa, mas a ocorrência atual foge a essa expectativa. Pode ser que a ocorrência atual se encontre numa região de fronteira e que o sujeito observe estar diante de uma ocorrência que *seja quase limpa ou pouco limpa*. Com efeito, *até* delimita o ponto no tempo-tempo-espaço (T_x) em que o varrer de *John* alcançou o estado resultante.

Nesse caso, as noções são instanciadas de tal forma que podem ter suas ocorrências demarcando uma porção de espaço-tempo em que sejam privilegiadas. Do mesmo modo, as ocorrências podem constituir no seu domínio modos de ser individualizadas, quantificadas e enumeradas. A quantidade delimita o processo de varrer, mas, considerando que a

quantificação remete à operação pela qual construímos a representação de *alguma coisa* que se pode *identificar/distinguir e situar/localizar* em um espaço de referência. Portanto, não restou nada para ser varrido, o que tinha para ser varrido, foi efetivamente varrido. Através do modo de ser limpa da casa é que se delimita o modo de existir da ocorrência.

Até marca o ponto de transformação de *um ato de varrer a casa por John*. Até esse ponto não se tem estado resultante, o que se tem é processo de varrer. O ato de varrer se converte em objeto resultante desse ato. Depois desse ponto de transformação, o que se tem não é mais o processo, mas a localização do estado resultante (casa varrida/limpa) em relação a uma situação de enunciação. A inadequação que está na origem do processo deixa de existir após esse ponto de transformação.

Nesse enunciado, não mais se observa o processo (varrer) que constitui o modo de *ser limpa da casa de John* em diferentes tempos sucessivos. O que é localizado em relação a uma situação particular é resultado da transformação do processo em objeto situado no tempo e no espaço. *Até* marca que *casa* foi situada pelo sujeito enunciador no espaço-tempo (num ponto posterior que ele não tinha casa limpa e depois daquele ponto o sujeito passou a ter casa limpa).

O sujeito enunciador enquanto produtor e reconhecedor das construções enunciativas busca inserir as marcas de asserção que eliminem a instabilidade da representação. O verbo *ficar* não foi escolhido por acaso, mas, intencionalmente, no processo de produção do enunciado. Sua escolha visa à estabilização da representação.

Ser limpa é uma propriedade que se encontra no pré-construto de casa para o sujeito enunciador (*ser casa é ser limpa*). Não tendo encontrado tal propriedade numa ocorrência atual de casa, o sujeito enunciador atribui novamente tal propriedade à ocorrência de modo a ajustá-la àquilo que é conhecido da sua experiência com casas.

Juntos, os termos *até* e *ficar* redundam a inadequação em relação à representação já conhecida do enunciador. Uma ocorrência atual de casa que não está em conformidade com a propriedade de ser limpa terá de ser então ajustada de modo que se adeque ao já conhecido. A intenção do sujeito enunciador é estabilizar o enunciado, ou seja, sustentar a existência de um processo de varrer por alguém até que alcance o resultado mais próximo possível daquela ocorrência já conhecida e em relação à qual a ocorrência atual seja ajustada. Os enunciados trazem marcas que remetem esses ajustamentos. Assim, *até* e *ficar* são marcas do trabalho do sujeito enunciador na busca pela identificação da ocorrência atual com um ponto mais estável que se encontra construído na experiência do sujeito.

O enunciado traz marcas da trajetória de equilibração que se inicia na experiência (memória) do sujeito enunciador (pré-construto) quanto a um certo modo de ser de casas que são conhecidas do sujeito enunciador, isto é, ocorrências para as quais tenha sido atribuída a propriedade *ser limpa*. A representação passa por instabilidade (um outro modo de ser de casa), quando *John* encontra a alteridade, *ser quase limpa, ser quase suja, ser suja ou ser limpa*, e se estabiliza na experiência do sujeito enunciador (enunciado), que formata de um certo modo possível a representação, isto é, *ser bem limpa* é o modo como se estabiliza uma ocorrência atual de casa no enunciado.

Seguindo o mesmo raciocínio das análises anteriores, podemos afirmar que essa estabilização *John varreu a casa até ficar limpa* é apreendida como estado resultado do processo que está na origem do enunciado. Se, por um lado, temos casa varrida, porque ela é como tem que ser, por outro lado, se a ocorrência de casa não fosse observada como sendo aquilo que dela se espera, isto é, que se encontre na ocorrência a propriedade *ser limpa*, seriam necessários ajustamentos à representação de modo a aproximá-la daquilo que na experiência do sujeito enunciador é conhecido como sendo uma ocorrência típica de *casa*.

Observamos, nesse caso, que o sujeito antecipa possíveis questionamentos do interlocutor acerca do modo de *ser limpa* de *a casa de John*. É através do manuseio da representação que depois vem a ser conhecida na forma de enunciado que se alcance o “estabilizável” (FRANCKEL, 2011, p. 110). Esse trabalho de ajustamentos sucessivos da representação deixa suas marcas no enunciado. *Até* é uma dessas marcas.

4.3 Enunciado: 3

John ficou varrendo a casa até conseguiu limpá-la bem.

Na leitura desse enunciado, temos a presença de alguns termos, tais como *ficou, até, conseguiu e bem* que acreditamos ter pertinência para com aquilo queremos mostrar quanto ao seu funcionamento. Observamos que esse enunciado tem uma característica que é comum a todos os outros enunciados estudados, por exemplo, o sujeito enunciador, na busca pela melhor adequação do enunciado, coloca em proeminência marcas de asserção que não estão explícitas no enunciado em inglês. Nesse enunciado, o caminho percorrido pelo tradutor não foi diferente. Ressalte-se que a busca pela estabilização se dá pela presença de muitas marcas de asserção no enunciado.

Consideremos, de um lado, que *limpa* é propriedade da noção <casa>. Por outro lado, o termo *ficou* é uma das marcas de asserção que o sujeito enunciador encontrou para explicitar no enunciado alvo que a casa de *John* ficou realmente limpa.

Consideremos o termo *até*. Ele contribui para a estabilização da representação, ou seja, no momento em que o enunciado é produzido, marca que de fato aconteceu a efetivação de casa limpa. Talvez, algum obstáculo possa ter contribuído para que o *até* apareça no enunciado. Nesse caso, observamos que, num dado momento, *John* começou a varrer a casa, manteve-se varrendo, até que a casa alcançasse a propriedade de ser a casa limpa. Aliás, é interessante observar que o sujeito busca representar o processo de varrer e o resultado desse processo, embora inconscientemente. Isso se dá porque em cada sujeito há um diálogo interno e não consciente. Culioli definiu esse diálogo como “atividade epilingüística” (CULIOLI, 1990, p.14).

Assim, *até* representa o quanto se deu o varrer de *John*, para que assim, *John* não precisasse varrer mais nada. O sujeito antecipa um varrer, mas para que esse varrer alcance um resultado, é preciso levar em consideração uma quantidade de varrer. Nesse caso, *até* foi determinante para delimitar a quantidade de varrer.

Passemos ao termo *conseguiu*. Ele marca que alguma coisa indeterminada pode ter colocado obstáculo, no momento em que o enunciado é produzido. Dentre alguns obstáculos, o sujeito enunciador poderia ter encontrado, por exemplo, a indisposição de *John* (*John* ser um obstáculo para ele mesmo), um animal, uma pessoa ou um objeto (uma coisa qualquer) que pode ter dificultado, assim, que *John* alcançasse o resultado esperado, uma ocorrência de a casa limpa. A intenção do sujeito enunciador é estabilizar o enunciado, sustentando que *John* varreu a casa de uma certa maneira. O sujeito antecipa uma maneira de ser da representação, que é tomada por ele como sendo aquela que tem que ser a maneira esperada pelo enunciador. No entanto, pode haver obstáculos a essa maneira de ser. Uma outra maneira, mas ainda uma maneira de ser, pode, então, ser considerada como uma maneira possível de representar o processo.

O termo *bem* é marca de modalidade intersubjetiva. Através dessa modalidade, observamos uma relação que se estabelece entre os sujeitos (enunciador e coenunciador). Do ponto de vista enunciativo, *bem* corrobora para a apreciação subjetiva do modo de ser *limpa* da casa. Daí que: *John varre a casa bem (é bem limpo o varrer de John)*.

Nesse enunciado, *limpa* é uma propriedade da casa (no preconstruto ser casa é ser *limpa*), mas a atribuição dessa propriedade precisou se adequar ao que se deve ser. Uma propriedade primitiva de casa teve de ser novamente predicada de uma ocorrência singular de

casa pelo sujeito enunciador que não encontrou tal propriedade por ele esperada para uma ocorrência atual de casa. O sujeito precisou estabilizar casa como uma propriedade de casa limpa. As marcas nos ajudam a observar o esforço do sujeito enunciador para estabilizar a significação, sobretudo porque as avalia ser o modo mais adequado.

Juntos os termos apontam para uma maior inadequação da representação visada em relação à representação possível, isto é, o sujeito enunciador não só observa uma ocorrência atual de casa que não está em conformidade com a propriedade de ser limpa esperada para qualquer ocorrência, como também, para orientar a ocorrência atual o mais próxima possível daquela ocorrência visada, acaba por explicitar mais marcas de asserção. Com efeito, o sujeito enunciador busca estabilizar o enunciado, ou seja, busca dar existência a um processo de varrer cuja orientação está voltada para o resultado desse processo (casa varrida = casa limpa).

Para abordar os mecanismos pertinentes à construção de uma ocorrência, é preciso abordar a dimensão quantitativa e qualitativa. Para falarmos dessas dimensões, apoiamo-nos nas considerações de Gilbert²⁹ sobre essas duas dimensões.

A delimitação quantitativa implica a extração de uma ocorrência de /casa/, isto é, implica estabelecer a delimitação de uma ocorrência de /casa/ no tempo e no espaço para um dado sujeito. Temos aqui, uma ocorrência de casa que foi retomada do pré-construto e que fora devidamente situada e singularizada enunciativamente dentre outras possibilidades. Podemos glosar essa delimitação do seguinte modo: (Eu (sujeito enunciador) digo:) *John* tem (dentre outras coisas) alguma coisa que eu chamo de casa. Através dessa operação é trazida à existência uma ocorrência da noção /casa/ que é situada no tempo e no espaço.

O artigo *a* marca a retomada dessa ocorrência que é situada em relação à situação enunciativa atual. Numa relação de diálogo, esse determinante é marca da retomada de representações do pré-construto que são projetadas para situações enunciativas atuais pelo sujeito enunciador. As operações de determinação são responsáveis por ajustar as representações que são visadas em relação às representações possíveis para cada situação enunciativa em particular. Incluem-se nesse princípio as representações em análise aqui.

No que diz respeito à dimensão qualitativa, um mesmo sujeito (sujeito enunciador) pode ter observado várias ocorrências do mesmo tipo de a casa de *John*. Vejamos de modo mais detalhado o processo de estabilização da existência da ocorrência de *a casa de John*. Considerem-se as seguintes glosas:

²⁹ Consulte-se a seção I deste trabalho sobre as dimensões quantitativa e qualitativa.

No ano passado John ficou varrendo a casa até conseguiu limpá-la bem.

No mês passado John ficou varrendo a casa até conseguiu limpá-la bem.

Na semana passada John ficou varrendo a casa até conseguiu limpá-la bem.

Hoje John ficou varrendo a casa até conseguiu limpá-la bem.

Nesse caso, temos uma mesma ocorrência de *a casa de John*, ou seja, um mesmo sujeito observa mais de uma vez o mesmo tipo de ocorrência de *a casa de John*. Ao invés de discernir se se trata da mesma ocorrência ou de ocorrências distintas (distinguir de um tipo de ocorrência: *a casa de John ainda é a casa de John* ou *a casa de John já não é a casa de John*), ele as avalia como sendo uma ocorrência do mesmo tipo (*a casa de John ainda é a casa de John*), mas o modo de ser da ocorrência atual se apresenta alterado em relação àquele visado, ou melhor, alterado quanto ao modo de ser limpa de *a casa de John*.

O enunciado traz marcas dessa trajetória que se inicia na experiência (memória) do sujeito enunciatador (preconstruto) com um certo modo de ser de casa (sempre o mesmo tipo, limpa) que passa por instabilidade (um outro modo de ser casa, o não-limpa). O enunciatador pode ter observado que, no desenvolvimento do processo varrer, *John* encontrou alguma alteridade que pode ter se colocado como obstáculo quanto ao modo de ser limpa de uma ocorrência atual de casa. Com efeito, o enunciatador terá se deparado com a possibilidade de estabilização de um modo de ser diverso daquele visado (ser limpa) de casa. Dentre essas possibilidades de estabilização estão ocorrências cuja propriedade ser limpa da ocorrência visada se encontra alterada. Essa deformação da propriedade ser limpa pode ser explicitada por representações como *ser quase limpa*, *ser quase suja* ou *ser suja*. No entanto, o sujeito consegue estabilizar a representação através da ratificação da propriedade visada através de *limpa*. Com efeito, a ocorrência é formatada conforme o esperado, mas isso demandou a explicitação do óbvio, que é a propriedade esperada (ser limpa). Quer isso dizer que a propriedade esperada é uma propriedade possível, assim como suas deformações, e não uma propriedade inerente à representação de casa. As marcas de asserção do enunciado se devem ao cálculo feito pelo sujeito enunciatador na sua trajetória de construção da representação e de estabilização da significação visada.

Observamos, nesse caso, que o sujeito enunciatador, antecipa possíveis questionamentos do interlocutor acerca do modo de ser *limpa* da casa de *John*. Para dar “solidez de montagem” à representação, o sujeito precisa testá-la. Para tanto, o sujeito começa a manusear de tal

forma o enunciado que marcas do seu trabalho de ajustamentos para que se alcance o “estabilizável” (FRANCKEL, 2011, p. 110) tornam-se constitutivas do enunciado. A presença de muitas marcas de asserção no enunciado mostra que a atividade de linguagem consiste nos ajustamentos feitos pelos sujeitos, isto é, para aproximar a representação possível em relação à representação visada.

Nesse sentido, um caminho, cada sujeito, de um modo particular construiu uma trajetória (forma) para solucionar os seus problemas no processo de construção da significação do enunciado. Observamos no conjunto dessas análises que o sujeito enunciator está orientado pela busca da adequação do enunciado. As marcas de asserção são vestígios dessa trajetória. Os processos de estabilização da representação se devem ao cálculo feito pelo sujeito enunciator na sua trajetória de construção da representação possível em relação à representação visada e aos obstáculos a estabilização dessa representação.

Em suma, é redundante nas trajetórias dos enunciados analisados o movimento que envolve processos de aproximação (avaliação, identificação, diferenciação) e de ajustamento (ratificação, retificação) na estabilização da representação possível, no vaivém entre o já conhecido e o visado.

No ensino de línguas, quanto maior o “amadurecimento cultural”, quanto melhor a “acuidade perceptiva”, quanto maior o “autoconhecimento”, quanto melhor a “capacidade expressiva”, mais bem-sucedido será o aluno na produção e no reconhecimento de textos, conforme conclui Rezende (2000). Também na atividade de tradução, concluímos que é o aprimoramento dessas habilidades que constitui o melhor tradutor e o melhor texto-alvo num processo lento e gradual de amadurecimento sócio-cultural e cognitivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se desenvolveu a partir de algumas hipóteses de pesquisa. Se, de um lado, essas hipóteses restringiram um caminho a ser percorrido, delimitando temas e apontando para algumas direções já conhecidas, por outro lado, também foram essas hipóteses que nos possibilitaram questionar (e não necessariamente negar) esses temas e essas direções acerca de temas e direções que deles se aproximam. Com isso, acreditamos que, por nos distanciar, ainda que pouco, daquilo que já se sabia sobre os temas e os caminhos dessa pesquisa, construímos um pouco mais de conhecimento sobre o que já era de um certo modo conhecido.

Uma das nossas hipóteses de trabalho era a de que a análise de fragmentos de língua pouco contribui para se afirmar quais representações são possíveis numa dada língua. O processo de construção da significação em língua faz-se pelo sujeito numa situação de enunciação, através da articulação da atividade de linguagem com as línguas naturais, que, enquanto representações estabilizadas, têm o trabalho subjetivo por subjacente. Através da observação, na seção II, dos processos pelos quais se busca definir se construções resultativas são possíveis no português, concluímos que no centro da disputa sobre a categoria resultatividade está a perspectivação dos sujeitos (linguistas) em relação às situações em que uma dada estabilização seria possível. Desse ponto de vista, a polêmica em torno da existência ou não das construções resultativas no português brasileiro é apenas pano de fundo para uma questão maior que são os pontos de convergência e de divergência que, de modo imprevisível, orientam as representações a uma dada estabilização e não a outra. Essa variação constitutiva do processo gerador das representações em língua os projetos teóricos que operam com o conceito de categoria têm dificuldade de explicar.

Outra de nossas hipóteses era de que o domínio da tradução ainda carece de um conceito de tradução que leve em conta a articulação da linguagem com as línguas naturais. As teorias da tradução ora tendem ao domínio das línguas e à alienação da atividade de linguagem, ora tendem ao domínio da linguagem e se alienam da especificidade linguística, que fica fragmentada em meios a outros sistemas simbólicos. Essa é uma das razões pelas quais observamos, na seção III, que as teorias da tradução não compartilham de uma definição de sujeito e do que vem a ser o seu papel na atividade de tradução. Algumas teorias anulam o papel do sujeito na atividade de tradução e o associam ao de um autômato que executa atividades previamente programadas. Já não se questiona quem ou como foram programadas

tais atividades. Outras teorias entendem a tradução como uma atividade e que produzir significados em língua é resultado do trabalho de um sujeito ativo. A resposta a perguntas como “O que se entende por sujeito?” e “Qual o seu papel no trabalho de produção e reconhecimento de textos?” será tributária de como se entende a relação sujeito/objeto. O que podemos observar na seção III é que, para as teorias da tradução, ou sujeito e objeto se distinguem e se diferenciam ou sujeito e objeto se identificam e se confundem num todo. Concluimos que a articulação do todo (identificação) com as partes (sujeito e objeto) é ainda um caminho a ser construído no domínio da tradução. Com esse trabalho, esperamos ter contribuído para que esse caminho se construa. Se, por um lado, sujeito e objeto estão numa relação de exterioridade (não se conhecem), por outro lado, estão também numa relação de complementariedade (se conhecem, eventualmente se identificam, mas não se confundem). A hipótese de pesquisa a seguir foi construída a partir dessa relação entre sujeito/objeto.

Nossa hipótese era de que, na atividade de tradução, “para chegar ao texto-alvo, os tradutores tiveram de localizar o texto-fonte em relação a uma situação de enunciação”. Essa hipótese está fundamentada pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b). Segundo Culioli, o proponente da teoria, o enunciado será o produto da localização da léxis, representada por λ , em um sistema formal de coordenadas enunciativas, representado por Sit. A significação será constituída a cada enunciação, que se faz possível graças à definição desse esquema formal que é a léxis e da operação de base que é a localização. O resultado da instanciação da léxis em situações distintas de enunciação é a variação de superfície dos enunciados. Através das manipulações que fizemos dos enunciados em nosso exercício de análise, pudemos observar que as diferentes ancoragens situacionais que cada tradutor levou em conta para traduzir do inglês para o português e que a experiência de cada um deles com as noções instanciadas na léxis produziram resultados variáveis não só do ponto de vista da morfossintaxe, mas também do ponto de vista da significação dos enunciados quando considerados no conjunto dos textos-alvo que compõem nosso *corpus* de pesquisa. Ainda que os enunciados analisados não cheguem todos ao mesmo ponto de estabilização, as análises explicitam o que é inegável: os enunciados se aproximam em vários pontos do seu processo de construção. É nossa conclusão que isso ocorre em razão de propriedades invariantes da linguagem que perpassam a experiência subjetiva e a variação espaço-temporal de cada situação particular de enunciação. Essa invariância é apreendida nas nossas análises pelos pontos de convergência e de divergência no processo constitutivo dos enunciados. É por isso que aceitamos, junto com Merleau-Ponty (1991), “a invariância da linguagem como mantenedora da variação das línguas naturais. A invariância engloba os

princípios básicos da enunciação e de toda situação enunciativa, sempre considerando a tripartite: sujeito, tempo e espaço. A variação tanto pode ser de uma língua para outra (uma variação radical, portanto), quanto dentro de uma própria língua (a heterogeneidade do material linguístico de uma comunidade) (MERLEAU-PONTY, 1991 apud CUMPRI, 2012, p. 208).

A atividade de linguagem, que já não mais distingue entre o fazer e o pensar que estão subjacentes às representações em língua, foi simulada, na seção IV, pelos exercícios de análises que constam deste trabalho. Com efeito, esses exercícios constituem um sistema de representação metalinguística produto da manipulação de enunciados segundo protocolos e procedimentos definidos pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. A invariância pôde ser observada na passagem de um enunciado. A variação observada na superfície dos textos-alvo, conforme já o dissera Pria (2014), antes que a analisemos em termos da eficácia do trabalho do tradutor, deve ser considerada na sua articulação com as situações de enunciação também variáveis que cada tradutor levou em conta para passar do texto-origem para o texto-alvo.

É uma propriedade comum dos enunciados analisados neste trabalho a busca pela adequação do enunciado a uma dada situação de enunciação. Disso decorrem marcas de ancoragem situacional alheias ao texto-fonte. Do ponto de vista enunciativo, esses dados explicitam a trajetória de estabilização da representação, que passa por processos de instabilidade, mas que se estabiliza num certo ponto desse processo. *A instabilidade provoca a busca de uma saída que fornecerá a indispensável estabilização* (CULIOLI, 1990, p. 94). As marcas de asserção dos enunciados analisados se devem ao cálculo feito pelo sujeito enunciador na trajetória de construção da representação e de estabilização da significação visada. As marcas nos ajudaram a observar todo o esforço do sujeito enunciador não só no agenciamento do arranjo léxico-gramatical, mas também da estabilização nocional (a significação da representação) do modo que o sujeito enunciador entendeu ser o mais adequado à situação de enunciação que tinha como cenário para uma dada ocorrência de representação.

Este trabalho marca o fim da primeira etapa do nosso processo de formação e de toda a pesquisa que planejamos desenvolver.

REFERÊNCIAS

ARROJO, R. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, p. 53- 70, 1996.

AUBERT, F. H. Os meandros da modulação. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIM, J. L. (Org.) *A fabricação dos sentidos*. 1. ed. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 229-244.

BARBOSA, J. W. C. *A estrutura sintáticas das chamadas “construções resultativas em PB”*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BENEDETTI, I. C.; SOBRAL, A. (orgs.) *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola, 2003.

BERINSON, Paula. A difícil arte da tradução. *Faculdade Damas – Caderno De Relações Internacionais*, v.3, n.5, p. 1-8, 2012.

BERTUCCI, R. Construções resultativas infinitivas em português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v.58, n.3, p.623-644, 2014.

BIASOTTO, M. *A tradução em termos de equivalência: uma perspectiva culioliana*. *Versão Beta* (UFSCar), v. 8, p. 43-58, 2010.

BISOL, L. *Predicados complexos do português*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1972.

BRITTO, P. H. *Cult: A arte de traduzir*. Entrevistadora: Mariana Marinho. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/07/a-arte-de-traduzir/>>. Acesso em: 01.10.2013.

CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CORREA, C. N. Estabilidade e deformabilidade das formas linguísticas. *Veredas*, v. 10, 2006.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999b. v. 3.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999a. v. 2.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. v. 1.

CULIOLI, A. A propos de la notion. In: GROUSSIÉRE, M.L.; RIVIÈRE, C. (orgs.) *La notion*. Paris: Ophrys, 1997, p. 9-24.

CUMPRI, M. L. *Da noção ao texto: um estudo enunciativo da produção textual*. Araraquara. 2008. 124f. Dissertação (mestrado em linguística e língua portuguesa). - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2008.

FRANCKEL, J-J. Introdução. In: VOGÜÉ, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 15-30.

FOLTRAN, M. J. G. D. *As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 1999.

FUCHS, C. A paráfrase linguística – equivalência, sinonímia ou reformulação? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n.8, p.129-134, 1985.

FUCHS, C. O sujeito na teoria enunciativa de A. Culioli: algumas referências. *Cadernos de estudos linguísticos*, n. 7, p. 77-85, 1984.

GETOE. *Biografia de Antoine Culioli*. Disponível em:<<http://getoe1.blogspot.com.br/2013/04/biografia-de-antoine-culioli.html>>. Acesso em: 21.08.2015.

GOLDBERG, A.; JACKENDOFF, R. The english resultative as a family of construction. *Language*, v. 80, p. 532-569, 2004.

GUEDES, R. M. A difícil decisão do tradutor: traduzir ou não traduzir. *Cadernos de Letras (UFRJ)* n.26, p.14-23. 2010.

HALLIDAY, M.A.K. Notes on transitivity and theme in English. Part I. *Journal of Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 37-81, 1967.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

JESPERSEN, O. *A Modern English Grammar on Historical Principles*. Part V. Syntax (fourth volume). Copenhagen: Ejnar Munksgaard, 1909-1949.

LEITE, M. A. *Resultatividade: um estudo das construções resultativas em português*. 2006. 153f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LOBATO, L. Afinal, existe a construção resultativa em português? In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. de. (org.) *Sentido e Significação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 142-179.

LOPES, M. C. R. Estudo semântico do pretérito perfeito: variações interpretativas e regularidade de funcionamento. In: REZENDE, L. M.; ONOFRE, M. B. (orgs.) *Linguagem e línguas naturais – Diversidade experiencial e linguística*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006. p. 23-39.

- LOPES, M. C. R. *Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical: a polissemia redimensionada*. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- MARCELINO, M. *Construções resultativas em português e inglês*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- MERLEAU-PONTY, M. *Signos*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MITTMANN, Solange. Notas do tradutor e processo tradutório. *Análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- OTTONI, P. R. *Tradução Manifesta - double bind & acontecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.
- OTTONI, P. R. *Tradução - a prática da diferença*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- OTHERO, G. de A. Linguística Computacional: uma breve introdução. *Letras de hoje*, v. 41, n. 2, p. 341-351, jun., 2006.
- PALOMANES, R. M.; OLIVEIRA, P. F. Construções resultativas: a semântica de resultado no verbo “virar”. *Alumni – Revista Discente da UNIABEU*. v. 1. nº. 1 janeiro- julho de 2013.
- PALOMANES, R. M. As construções resultativas nas línguas românicas: um estudo com base na Gramática Cognitiva das Construções. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 95-113, 2015.
- PRIA, A. D. A especificidade linguística e não-linguística em articulação com a atividade de linguagem. *Signo*, v. 38, p. 50-65, 2013.
- PRIA, A. D. O diálogo, a significação e a enunciação na articulação da linguagem com as línguas naturais. In: PRIA, A. D.; MOTTA, A. L. A. R. da; RENZO, A. M.; MORALIS, E. G.. (Org.). *Linguagem, escrita, tecnologia*. Campinas: Pontes, 2013. p. 37-50.
- PRIA, A. D.; CARVALHO, G. A. de. A realização do adjetivo atributivo em português e inglês: correspondências lexicais, sintáticas, semânticas e discursivas. *UEG em Revista*, v. 1, p. 223-231, 2009.
- PRIA, A. D.; CARVALHO, G. A. de. Os processos enunciativos de variação semântica de “falso”. In: ZATTAR, N.; PRIA, A. D.; MORALIS, E. G. (Org.) *Linguagem, acontecimento, discurso*. Campinas: Editora RG, 2011. p. 23-34.
- REZENDE, L. M. A indeterminação da linguagem: léxico e gramática. *Alfa*, v. 44, p. 349-362, 2000.

REZENDE, L. M. *Léxico e gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais*. Tese (Livre docência) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.

REZENDE, L. M. Uma questão pedagógica: superar ou anular a contradição na produção textual de alunos? In: PERNAMBUCO, J.; FIGUEIREDO, M. F.; SALVIATO-SILVA, A. C. *Nas trilhas do texto*. Franca: Universidade de Franca, 2010. v. 5. p. 76-90.

SALVIATO-SILVA, A. C. *A marca "porque" nos textos escolares: uma proposta para atividades epilingüísticas*. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2007.

SANTOS, C. B. *Operações enunciativas e valores referenciais estudo da marca apesar de*. 2007, 205f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SNYDER, W. A. *Language Acquisition and Language Variation: The Role of Morphology*. Doctoral Dissertation. MIT, 1995.

SPECIA, L.; RINO, L.H.M. *Introdução aos Métodos e Paradigmas de Tradução Automática*. Serie de Relatórios Técnicos do NILC, NILC-TR-02-04. São Carlos, Março, 23p, 2002.

VALENTIM, H. T. *Predicação de existência e operações enunciativas*. Lisboa: Colibri, 1998.

VIGNAUX, G. *Le discours acteur du monde*. Enonciation, argumentation et cognition. Paris: Ophrys, 1988.

VOGÜÉ, S. de. A língua entre cognição e discurso. *Calidoscópio*, v. 11, n. 2, p. 214-221, 2013.

VOGÜE, S. de; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

ZAVAGLIA, A. Modalidades de tradução e operações enunciativas: o caso do marcador léxico-gramatical UM e suas traduções para o francês. *Intercâmbio*, São Paulo, v. 14, p. 1-10, 2005.

ZAVAGLIA, A. A observação de alguns aspectos enunciativos em traduções de aprendizes de francês: o caso de DES. *Intercâmbio* (CD-ROM), São Paulo, v. XIII, p. 1-8, 2004.

ZAVAGLIA, A. *Pequena introdução à Teoria das Operações Enunciativas*. São Paulo: Humanitas, 2010.

ANEXO

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa até deixá-la limpa.
2. John varreu a casa até ficar limpa.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu até tirar ele do sério.
2. Ela riu até tirar a paciência dele.
3. Ela riu até tirar sua paciência.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha amante reclamou até se acalmar.
2. Minha amante se acalmou resmungando.
3. Minha senhora reclamou até se acalmar.
4. Minha senhora se acalmou resmungando.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John tirou o sabão de seus olhos.
2. John lavou seus olhos para tirar o sabão.
3. John lavou seus olhos até tirar o sabão.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio tocou até acordar o bebê.
2. O tique-taque do relógio acordou o bebê.
3. O som do relógio acordou o bebê.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

John varreu a casa até que ela ficasse limpa.

She laughed him out of his patience.

Ela riu até que ele perdesse a paciência.

My mistress grumbled herself calm.

Minha amante reclamou até que se acalmasse.

John washed the soap out of his eyes.

John tirou o sabão de seus olhos.

The clock ticked the baby awake.

O som do relógio acordou o bebê.

John painted the house yellow.

John pintou a casa de amarelo.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. John varreu a casa até ficar limpa.
2. John varreu a casa e ensinou tempo a fazer limpeza.
3.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela riu dele até tomar sua paciência.
2.
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. minha 'patrona' reclamou sozinho até se acalmar.
2.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. John lavou o sabonete de seus olhos.
2. John lavou o sabonete de seus olhos.
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O relógio fez "tic-tac" até acordar o bebê.
2.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. John pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
John varreu a casa limpa.
She laughed him out of his patience.
Ela riu dele até perder a paciência dele.
My mistress grumbled herself calm.
Minha senhora queixou-se dela com calma.
John washed the soap out of his eyes.
John respingou sabão em seus olhos.
The clock ticked the baby awake.
O relógio acordou o bebê.
John painted the house yellow.
John pintou a casa de amarelo.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua expediência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. João varreu a casa toda.
2. João varreu a casa limpa.
3.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela riu da falta de paciência dele.
2. Ela zombou dele sem paciência.
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha esposa resmungou calmamente.
2. Minha senhora resmungou calma.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. João lavou-se com o sabonete fora da área dos olhos.
2. João lavou o rosto sem atingir os olhos.
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O relógio alertou o bebê acordado.
2. O relógio confirmou o acordar do bebê.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. João pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua expediência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. João varreu a casa toda.
2. João varreu a casa limpa.
3.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela riu da falta de paciência dele.
2.
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha esposa resmungou calmamente.
2.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. João lavou o rosto sem atingir os olhos.
2.
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O relógio alertou o bebê acordado.
2. O relógio confirmou o acordar do bebê.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. João pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua expediência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

John varreu a casa até ficar limpa.
John ~~se~~ deixou a casa limpa após varrer.

She laughed him out of his patience.

Ela riu dele até tirar sua paciência.

My mistress grumbled herself calm.

Minha "dona" reclamou sozinho até se acalmar.

John washed the soap out of his eyes.

John lavou o sabonete de seus olhos.
John levou o sabonete de seus olhos.

The clock ticked the baby awake.

O relógio fez "tic-tac" até acordar o bebê.

John painted the house yellow.

John pintou a casa de amarelo.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua expediência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. João varreu a casa direitinho.
2. João varreu a casa bem limpinha.
3.
4.
5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu até ele perder a paciência.
2. Ela riu por causa da paciência dele.
3. Ela conseguiu tirar a paciência dele.
4. Ela o tirou de sono.
5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora resmungou até se acalmar.
2. Minha amante se queixou até se acalmar.
3.
4.
5.

John washed the soap out of his eyes.

1. João lavou o sabão dos seus olhos.
2. João tirou o sabão dos seus olhos.
3.
4.
5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio não deixou o bebê dormir.
2. O relógio acordou o bebê.
3.
4.
5.

John painted the house yellow.

1. João pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa até ficar limpa.
2. John varreu a casa até já estar limpa.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela deu gargalhadas até ele ficar sem paciência.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora reclamou calmamente e para ficar calma.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John lavou os olhos para tirar o sabão.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio tocou de modo a despertar o bebê.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa.
2. John deixou a casa limpa.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela deu gargalhadas de falta de paciência dele.
2. Ela deu gargalhadas e ele perdeu a paciência.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora reclamou calmamente.
2. Minha mulher reclamou calmamente.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John lavou o sabão dos olhos.
2. John tirou o sabão dos olhos.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio despertou para bebê acordar.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Sedassari - Especialista

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. João varreu a casa e a deixou limpa.
2. João varreu a casa que estava limpa.
3. João que estava limpo varreu a casa. <i>llm</i>
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela sorriu dele e o deixou sem paciência.
2. Ela sorriu dele até ele ficar sem paciência.
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha amante resmungou de forma calma.
2. Minha amante resmungou até ficar calma.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. João lavou até tirar o sabão de seus olhos.
2. João sumiu com o sabão.
3. João lavou o sabão que estava nos olhos dele (de outra pessoa)
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O relógio fez barulho e acordou o bebê.
2. O relógio fez barulho para o bebê que estava acordado.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. João pintou a casa vestido de amarelo.
2. João pintou a casa que era amarela.
3. João pintou a casa de cor amarela.
4.
5.

edilson - doutor do

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. João varreu a casa deixando-a limpa.
2. João limpou a casa.
3. João varreu a casa.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela riu da sua paciência.
2.
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha senhora se repreendeu para acalmar-se
2. Minha senhora se repreendeu calma.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. João lavou o sabão de seus olhos.
2. João tirou o sabão que estava em seus olhos.
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O relógio acordou o bebê.
2.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. João pintou a casa de amarelo
2.
3.
4.
5.

Camila - doutora do

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. John varreu bem a casa.
2. John limpou a casa.
3. John varreu a casa.
4.
5.

She laughed him out of his patience.
1. Ela não (deu) até ele aguentar sua paciência.
2. Ele perdeu a paciência com as risadas dela.
3. Ela riu muito fazendo ele perder a paciência.
4.
5.

My mistress grumbled herself calm.
1. Minha senhora reclamou calmamente.
2. Minha esposa reclamou calmamente.
3. A senhora reclamou por não ser calma.
4.
5.

John washed the soap out of his eyes.
1. John lavou bem os olhos.
2. John conseguiu tirar o sabão dos olhos.
3. Os olhos de John estavam cheios de sabão, mas ele conseguiu lavá-los.
4.
5.

The clock ticked the baby awake.
1. O tic-tac do relógio acordou o bebê.
2. O barulho do relógio acordou o bebê.
3. O tic-tac do relógio fez com que o bebê ficasse acordado.
4.
5.

John painted the house yellow.
1. John pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. JOHN VARREU A CASA.
2.
3.
4.
5.

She laughed him out of his patience.
1. ELA NÃO DEU ATÉ ELE AGUENTAR SUA PACIÊNCIA.
2.
3.
4.
5.

My mistress grumbled herself calm.
1. MINHA SENHORA RECLAMOU CALMAMENTE.
2.
3.
4.
5.

John washed the soap out of his eyes.
1. JOHN LAVOU BEM OS OLHOS.
2.
3.
4.
5.

The clock ticked the baby awake.
1. O TIC-TAC DO RELÓGIO ACORDOU O BEBÊ.
2.
3.
4.
5.

John painted the house yellow.
1. JOHN PINTOU A CASA DE AMARELO.
2.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. João varreu a casa limpa.
2. João varreu bem a casa.
3. João varreu a casa até ficar limpa.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu dele até que perdesse a paciência.
2. Ela riu até ele perder a paciência.
3. Ela o fez perder a paciência com tanta risada.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha professora resmungou baixinho
2. Minha professora queixou-se com calma.
3. Minha professora reclamou em tom baixo.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. João tirou o sabonete dos olhos.
2. João removeu o sabonete dos olhos com água.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio acordou o bebê.
2. O tic-tac do relógio acordou o bebê
3. O barulho do relógio acordou o bebê
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. João pintou a casa de amarelo.
2. João pintou a casa amarela.
- 3.
- 4.
- 5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. João varreu a casa toda.
2. João varreu a casa limpa
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu da falta de paciência dele
2. Ela zombou dele sem paciência
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha esposa resmungou calmamente
2. Minha senhora resmungou calma.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. João lavou-se com o sabonete fora da área dos olhos.
2. João lavou o rosto sem atingir os olhos.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio alertou o bebê acordado.
2. O relógio confirmou o acordar do bebê.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. João pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. João varreu a casa limpa.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu dele até perder a paciência dele.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora queixou-se dela com calma.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. João respingou sabão em seus olhos
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio acordou o bebê.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. João pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. João varreu a casa limpa
2. João limpou a casa

She laughed him out of his patience.

1. Ela fez se divertir com paciência dele

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora queixou-se com calma

John washed the soap out of his eyes.

1. João limpou o sabão de seus olhos

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio acordou o bebê
2. O relógio acordou o bebê

John painted the house yellow.

1. João pintou a casa amarela
2. João pintou a casa de amarelo

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça no formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

John varreu a casa limpa.

She laughed him out of his patience.

Ela ri, ele alien de sua paciência.

My mistress grumbled herself calm.

Minha patroa reclamou calma.

John washed the soap out of his eyes.

John lavou o sabão de seus olhos.

The clock ticked the baby awake.

O relógio fez com que o bebê acordasse.

John painted the house yellow.

John pintou de amarelo a casa.
John pintou a casa de amarelo.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa** valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu limpa a casa.

2.

3.

4.

5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu tanto que ele perdeu a paciência

2.

3.

4.

5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha mulher/amante/patroa reclama que é calma.

2. Minha se diz calma.

3.

4.

5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John tirou o sabão dos olhos.

2. John lavou os olhos pra tirar o sabão.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio fez tique-taque e o bebê acordou.

2. O tique-taque do relógio acordou o bebê.

3.

4.

5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.

2.

3.

4.

5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa.
2. John limpou a casa.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Elariu de impaciência dele.
2. Elariu dele e ele perdeu a paciência.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora murmurou para calma.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John lavou o sabão de seus olhos.
2. John tirou o sabão de seus olhos.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio acordou o bebê.
2. O tiquetaque do relógio acordou o bebê.
3. O tiquetaque do relógio manteve o bebê acordado.
4. O relógio manteve o bebê acordado.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa.
2. John limpou a casa.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Elariu dele de perder a paciência (a calma).
2. Elariu dele e ele perdeu a paciência (a calma).
3. Elariu dele que ele perdesse a paciência (a calma).
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora exclamou: "Ah! calma!"
2. Minha senhora exclamou: "Ah! seja calma!"
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John lavou o sabão dos olhos (de seus olhos / de um olho).
2. John lavou o sabão dos olhos (de um olho / de um olho).
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O tiquetaque do relógio acordou o bebê (despertou o bebê).
2. O tiquetaque do relógio acordou o bebê (despertou o bebê).
3. O tiquetaque do relógio acordou o bebê (despertou o bebê).
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa.
2. John limpou a casa com a vassoura.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu tanto que ele perdeu a paciência.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha "amante" protestou em silêncio.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. João lavou o sabão dos olhos.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O barulho do relógio acordou o bebê.
2. O tique-taque do relógio acordou o bebê.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. João pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. João varreu a casa toda
2. João varreu a casa limpa
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu da falta de paciência dele
2. Ela zombou dele sem paciência
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha esposa resmungou calmamente.
2. Minha senhora resmungou calma.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. João lavou-se com o sabonete fora da área dos olhos.
2. João lavou o rosto sem atingir os olhos.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio alertou o bebê acordado.
2. O relógio confirmou o acordar do bebê.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. João pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

270 Bde refugio

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

- 1. John varreu a casa muito bem.
- 2. John deixou a casa limpa só com a vassoura.
- 3. Ao varrer a casa John já conseguiu ir para lá bem.
- 4. John fez uma faxina geral na casa. (Faço aqui esta tradução por 'clean sweep' é uma expressão que significa 'limpeza geral')

She laughed him out of his patience.

- 1. Ela zombou da paciência dele.
- 2. Ela riu por causa da sua paciência.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

- 1. Minha patroa resmungou baixinho.
- 2. Minha mulher resmungou. (reclamou mas não exaltou).
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

- 1. John retirou o sabão dos olhos.
- 2. John lavou os olhos que estavam ensaboados.
- 3. John lavou o rosto com sabão.
- 4. John lavou o sabão dos olhos.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

- 1. O bebê acordou com o tique-taque do relógio.
- 2. O tique-taque do relógio fez o bebê acordar.
- 3. O tique-taque do relógio despertou o bebê.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

- 1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Manlia Maria Antônia de

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

John varreu a casa limpa

She laughed him out of his patience.

Ela riu do falta de paciência dele

My mistress grumbled herself calm.

Minha amante resmungou baixinho

John washed the soap out of his eyes.

John lavou o sabão de olho seus olhos

The clock ticked the baby awake.

O bebê acordou na manhã seguinte que o relógio fez barulho

John painted the house yellow.

John pintou a casa de amarelo

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. João varreu a casa.
2. João deixou a casa limpa.
3. João esvaziou totalmente a casa. (mais provável)
4. João fez uma varredura na casa.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela ridicularizou-o ao extremo
2. Ela riu-se da falta de paciência dele (pouco provável)
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha amante queixou-se até se acalmar. (tenho dúvidas, construção estranha para mim)
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. João enxaguou o sabonete de seus olhos.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O som do relógio deitou o bebê acordado. (também tenho dúvidas)
2. O tic tac do relógio acordou o bebê (idem)
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. João pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa até ficar limpa
2. John ~~se~~ deixou a casa limpa após varrer.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu dele até tomar sua paciência.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. minha "patroa" reclamou sozinho até se acalmar.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John limpou o sabonete de seus olhos.
2. John limpou o sabonete de seus olhos.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio fez "tic-tac" até acordar o bebê
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua expediência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.	
1.	John varreu a casa até que ela ficasse limpa.
2.	
3.	
4.	
5.	
She laughed him out of his patience.	
1.	Ela sorriu até que ele perdesse a paciência.
2.	
3.	
4.	
5.	
My mistress grumbled herself calm.	
1.	Minha senhora murmurou até se acalmar.
2.	
3.	
4.	
5.	
John washed the soap out of his eyes.	
1.	John lavou o sabão dos seus olhos.
2.	
3.	
4.	
5.	
The clock ticked the baby awake.	
1.	O som do relógio acordou o bebê.
2.	
3.	
4.	
5.	
John painted the house yellow.	
1.	John pintou a casa de amarelo.
2.	
3.	
4.	
5.	

Rose Fre

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua expediência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.	
1.	John limpou a casa limpa.
2.	John limpou a casa.
3.	
4.	
5.	
She laughed him out of his patience.	
1.	Ela tirou a paciência dele.
2.	Ela tirou a paciência dele (ao limite)
3.	
4.	
5.	
My mistress grumbled herself calm.	
1.	Minha senhora manteve-se calma.
2.	
3.	
4.	
5.	
John washed the soap out of his eyes.	
1.	John lavou (retirou) o sabão de seus olhos.
2.	
3.	
4.	
5.	
The clock ticked the baby awake.	
1.	O despertador fez acordar o bebê.
2.	
3.	
4.	
5.	
John painted the house yellow.	
1.	John pintou a casa de amarelo.
2.	
3.	
4.	
5.	

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.	
1.	John limpou a casa limpa
2.	
3.	
4.	
5.	
She laughed him out of his patience.	
1.	Ela riu dele além de sua paciência dele
2.	
3.	
4.	
5.	
My mistress grumbled herself calm.	
1.	Minha esposa resmungou consigo mesma
2.	
3.	
4.	
5.	
John washed the soap out of his eyes.	
1.	John levou o sabão de seus olhos
2.	
3.	
4.	
5.	
The clock ticked the baby awake.	
1.	O bebê acordou na mesma frequência que o relógio faz barulho.
2.	
3.	
4.	
5.	
John painted the house yellow.	
1.	John pintou a casa de amarelo
2.	
3.	
4.	
5.	

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.	
1.	John limpou a casa limpa.
2.	
3.	
4.	
5.	
She laughed him out of his patience.	
1.	Ela riu dele além de sua paciência
2.	
3.	
4.	
5.	
My mistress grumbled herself calm.	
1.	Minha esposa resmungou
2.	
3.	
4.	
5.	
John washed the soap out of his eyes.	
1.	John levou o sabão de seus olhos
2.	
3.	
4.	
5.	
The clock ticked the baby awake.	
1.	O relógio fez com que o bebê acordasse.
2.	
3.	
4.	
5.	
John painted the house yellow.	
1.	John pintou de amarelo a casa
2.	John pintou a casa de amarelo
3.	
4.	
5.	

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. João limpou a casa, à vassoura.
2. João varreu a casa, limpando-a.
3. João limpou a casa.
4. João varreu a casa.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela riu de sua paciência.
2. Ela fez pouco caso de sua paciência
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha patroa resmungou calma para si mesma
2.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. João lavou o sabão de seus olhos
2. João tirou o sabão de seus olhos
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O tique-taquear do relógio manteve o bebê acordado
2.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. João pintou a casa de amarelo
2. João pintou a casa em amarelo
3.
4.
5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. JOHN VARREU A CASA A VASSOURA
2.
3.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. ELA RIU DA PAZ DE SUA PACIENCIA DELE
2.
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. MINHA SENHORA RESMUNGOU EM SI MESMA
2.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. JOHN LAVOU O SABAO DOS OLHOS
2.
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O TIQUE-TAQUEAR DO RELOGIO MANTVEU O BEBE ACORDADO
2.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. JOHN PINTOU A CASA DE AMARELO
2.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu bem a casa.
2. John limpou a casa a varrer.
3. John varreu a casa.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela ria dele até rir dele sem paciência.
2. Ele perdeu a paciência com as risadas cativas dele.
3. Suas risadas fizeram-no perder a paciência.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora resmungou calmamente.
2. Minha professora murmurou calmamente.
3. A senhora murmurou por não se irritar.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John lavou bem seus olhos.
2. John conseguiu tirar o sabão dos seus olhos.
3. John tirou o sabão dos olhos dele.
4. John conseguiu lavar os olhos.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O tique-taque do relógio acordou o bebê.
2. O tique-taque do relógio acordou o sono do bebê.
3. O tique-taque do relógio fez com que o bebê ficasse acordado.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa muito bem.
2. John deixou a casa limpa só com a vassoura.
3. Ao varrer a casa John já conseguiu limpá-la bem.
4. John fez uma faxina geral na casa. (Faço aqui esta tradução pq 'clean sweep' é uma expressão que significa 'limpeza geral'.)
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela zombou de paciência dele.
2. Ela riu por causa da sua paciência.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha patroa resmungou baixinho.
2. Minha mulher resmungou. (reclamou mas não exaltou).
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John retirou o sabão dos olhos.
2. John lavou os olhos que estavam ensaboados.
3. John lavou o rosto com sabão.
4. John lavou o sabão dos olhos.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O bebê acordou com o tique-taque do relógio.
2. O tique-taque do relógio fez o bebê acordar.
3. O tique-taque do relógio despertou o bebê.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Manila dia: doutorando

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. João varreu a casa deixando-a limpa.
2. João limpou a casa.
3. João varreu a casa.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela riu da sua paciência.
2.
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha senhora se repreendeu para acalmar-se.
2. Minha senhora se repreendeu calma.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. João lavou o sabão de seus olhos.
2. João tirou o sabão que estava em seus olhos.
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O relógio acordou o bebê.
2.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. João pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

Camila - douçando

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. John varreu a casa.
2. John deixou a casa limpa.
3.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela deu gargalhadas da falta de paciência dele.
2. Ela deu gargalhadas e ele perdeu a paciência.
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha senhora reclamou calmamente.
2. Minha mulher reclamou calmamente.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. John lavou o sabão dos olhos.
2. John tirou o sabão dos olhos.
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O relógio despertou para bebê acordar.
2.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. John pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

Sedassari - Especialista

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. John varreu a casa.
2. John deixou a casa limpa.
3.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela deu gargalhadas da falta de paciência dele.
2. Ela deu gargalhadas e ele perdeu a paciência.
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha senhora reclamou calmamente.
2. Minha mulher reclamou calmamente.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. John lavou o sabão dos olhos.
2. John tirou o sabão dos olhos.
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O relógio despertou para bebê acordar.
2.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. John pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

Sedassari - Especialista

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. John varreu a casa até ficar limpa.
2. John varreu a casa que já estava limpa.
3.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela riu dele até ele ficar sem paciência.
2.
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha senhora murmurou consigo mesma para ficar calma.
2.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. John lavou os olhos para tirar o sabão.
2.
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O tique-taque do relógio deixou o bebê acordado.
2.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. John pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. João varreu a casa direitinho.
2. João varreu a casa bem limpinha.
3.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela riu até ele perder a paciência.
2. Ela riu por causa da paciência dele.
3. Ela começou tirar a paciência dele.
4. Ela o tirou de sério.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha senhora resmungou até se acalmar.
2. Minha amante se queixou até se acalmar.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. João lavou o sabão dos seus olhos.
2. João tirou o sabão dos seus olhos.
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O relógio não deixou o bebê dormir.
2. O relógio acordou o bebê.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. João pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. João varreu a casa até ficar limpa.
2. João varreu a casa.
3. João varreu toda casa.
4. João varreu a casa limpa (já estava limpa).
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela o tirou de sério.
2. Ela "esgotou" a paciência dele por causa dele.
3. Ela esgotou sua paciência por causa dele.
4. Ela riu dele até esgotar a paciência dele.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. A minha senhora/amante/mulher resmungou para ficar calma.
2. Minha professora resmungou para ficar calma!
3. ^o para si mesma para
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. João não acordou no que havia posto.
2. João esmagou o sabão com os olhos e não acordou em uma visão.
3. João lavou os olhos para tirar o sabão dos olhos dele / suprimindo os olhos dele.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O despertador acordou o bebê.
2. O tique-taque do relógio deixou o bebê acordado.
3. O tique-taque acordou o bebê.
4. O tique-taque do relógio despertou o bebê.
5.
John painted the house yellow.
1. João pintou a casa de amarelo.
2. (João) ficou feliz (por algo que lhe aconteceu)
3.
4.
5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa.
2. John limpou a casa.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela fez ele perder a paciência dele.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora murmurou sem reclamar.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John tirou o sabão de seus olhos.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio acordou o bebê.
2. O tique-taque do relógio acordou o bebê.
3. O tique-taque do relógio acordou o bebê acordado.
4. O relógio acordou o bebê acordado.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa amarela.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Prezado tradutor, agradecemos pela sua colaboração e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a língua portuguesa, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa.
2. John limpou a casa.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela fez ele perder a paciência dele.
2. Ela fez ele perder a paciência.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora murmurou sem reclamar.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John tirou o sabão de seus olhos.
2. John tirou o sabão de seus olhos.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio acordou o bebê.
2. O tique-taque do relógio acordou o bebê.
3. O tique-taque do relógio acordou o bebê acordado.
4. O relógio acordou o bebê acordado.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

abaixo para a língua portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa e a deixou limpa
2. John limpou a casa com a vassoura
3. John varreu a casa
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu tanto que o tirou a paciência
2. Ela o zombou até fazê-lo perder a paciência
3. Ela o irritou de tanto rir
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha amante resmungou até acalmar-se
2. Minha amante desabafou e então acalmou-se
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John tirou (lavou com água) o sabonete dos seus olhos
2. John lavou os seus olhos que estavam ensaboados
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O relógio acordou o bebé
2. O relógio despertou e acordou o bebé
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo
2. John pintou a casa com a cor amarela
- 3.
- 4.
- 5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa toda.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu até ele ficar impaciente.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora resmungou até se-acalmar.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John lavou seus olhos até sair o sabão.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O som do relógio acordou o bebé.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. João pinto a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. João terminou a limpeza ao varrer a casa.

2.

3.

4.

5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela zocou ele até que ele perdeu a paciência.

2.

3.

4.

5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha patroa resmungou até que não pude mais.

2.

3.

4.

5.

John washed the soap out of his eyes.

1. João enxagou os olhos com água até eliminar o sabão deles.

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. Cada tique-taque do relógio acordava o bebê.

2.

3.

4.

5.

John painted the house yellow.

1. João pintou a casa de amarelo.

2.

3.

4.

5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa, deixando-a limpa.

2.

3.

4.

5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu para ele pela sua paciência.

2.

3.

4.

5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora resmungou consigo mesma.

2.

3.

4.

5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John limpou igual ao nariz dele.

2.

3.

4.

5.

The clock ticked the baby awake.

1. O tique-taque do relógio fez o bebê acordar.

2.

3.

4.

5.

John painted the house yellow.

1. John pintou a casa de amarelo.

2.

3.

4.

5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. John varreu a casa.
2. John limpou a casa.
3.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela riu até fazê-lo perder a paciência.
2. Ela riu até que ele perdesse a paciência.
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha amante/patroa foi se acalmando aos poucos.
2.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. John enxaguou os olhos.
2. John lavou os olhos.
3. John enxaguou o sabão em seus olhos.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O relógio despertou o bebê.
2. O relógio acordou o bebê.
3. O barulho do relógio acordou o bebê.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. John pintou a casa de amarelo.
2. John coloriu a casa de amarelo.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. John varreu a casa até deixá-la limpa.
2. John varreu a casa até ficar limpa.
3.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela riu até tirar ele do sério.
2. Ela riu até tirar a paciência dele.
3. Ela riu até tirar sua paciência.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha amante reclamou até se acalmar.
2. Minha amante se acalmou resmungando.
3. Minha senhora reclamou até se acalmar.
4. Minha senhora se acalmou resmungando.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. John tirou o sabão de seus olhos.
2. John lavou seus olhos para tirar o sabão.
3. John lavou seus olhos até tirar o sabão.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O relógio tocou até acordar o bebê.
2. O tique-taque do relógio acordou o bebê.
3. O som do relógio acordou o bebê.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. John pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. João varreu a casa limpa.
2. João varreu bem a casa.
3. João varreu a casa até ficar limpa.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela riu dele até que perdesse a paciência.
2. Ela riu até ele perder a paciência.
3. Ela o fez perder a paciência com tanta risada.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha professora resgumou baixinho.
2. Minha professora queixou-se com calma.
3. Minha professora reclamou em tom baixo.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. João tirou o sabonete dos olhos.
2. João removeu o sabonete dos olhos com água.
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O relógio acordou o bebê.
2. O tic-tac do relógio acordou o bebê.
3. O barulho do relógio acordou o bebê.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. João pintou a casa de amarelo.
2. João pintou a casa amarela.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. John varreu limpa a casa.
2.
3.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela riu tanto que ele perdeu a paciência.
2.
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha mulher/amante/patroa reclama que é calma.
2. Minhase diz calma.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. John tirou o sabão dos olhos.
2. John lavou os olhos pra tirar o sabão.
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O relógio fez tique-taque e o bebê acordou.
2. O tique-taque do relógio acordou o bebê.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. John pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. John varreu a casa.
2. John limpou a casa com a vassoura.
3.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela ri tanto que ele perdeu a paciência.
2.
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha "amante" protestou em silêncio.
2.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. João lavou o sabão dos olhos.
2.
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O barulho do relógio acordou o bebê.
2. O tique-taque do relógio acordou o bebê.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. João pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.
1. Joao varreu a casa limpa.
2.
3.
4.
5.
She laughed him out of his patience.
1. Ela riu dele até perder a paciência dele.
2.
3.
4.
5.
My mistress grumbled herself calm.
1. Minha senhora queixou-se dela com calma.
2.
3.
4.
5.
John washed the soap out of his eyes.
1. Joao respingou sabão em seus olhos
2.
3.
4.
5.
The clock ticked the baby awake.
1. O relógio acordou o bebê.
2.
3.
4.
5.
John painted the house yellow.
1. joao pintou a casa de amarelo.
2.
3.
4.
5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. João terminou a limpeza ao varrer a casa.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela zuiu ele até que ele perdeu a paciência.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha patroa resmungou até que não pudo mais.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. João enxagou os olhos com água até eliminar o sabão deles.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. Cada tique-taque do relógio acordava o bebê.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. João pintou a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Prezado tradutor, **agradecemos pela sua colaboração** e pedimos que traduza os enunciados abaixo para a **língua portuguesa**, valendo-se da sua experiência nas línguas inglesa e portuguesa. Sendo possível produzir mais de uma versão para o português, pedimos que o faça. No formulário, há espaço para até 5 versões. Sinta-se à vontade para testar possibilidades de tradução, fazendo inclusive comentários entre parênteses se assim o desejar.

John swept the house clean.

1. John varreu a casa toda.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

She laughed him out of his patience.

1. Ela riu até ele ficar impaciente.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

My mistress grumbled herself calm.

1. Minha senhora resmungou até se-acalmar.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John washed the soap out of his eyes.

1. John lavou seus olhos até sair o sabão.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

The clock ticked the baby awake.

1. O som do relógio acordou o bebê.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

John painted the house yellow.

1. João pinto a casa de amarelo.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.